

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Camila Elis Fritsch

**O R-TEPE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE CONTATO COM O
HUNSRÜCKISCH E O “PRECONCEITO LINGUÍSTICO” COM DESCENDENTES
DE IMIGRANTES ALEMÃES NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ**

**Feliz
2018**

Camila Elis Fritsch

**O R-TEPE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE CONTATO COM O
HUNSRÜCKISCH E O “PRECONCEITO LINGUÍSTICO” COM DESCENDENTES
DE IMIGRANTES ALEMÃES NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Cristiano da Silveira
Pereira

**Feliz
2018**

Camila Elis Fritsch

**O R-TEPE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE CONTATO COM O
HUNSRÜCKISCH E O “PRECONCEITO LINGUÍSTICO” COM DESCENDENTES
DE IMIGRANTES ALEMÃES NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Cristiano da Silveira Pereira (presidente)

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti – UFRGS

Prof^a. Me. Laura Helena Hahn Nonnenmacher – IFRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, pelo incentivo, pelo apoio durante o curso e pelo envolvimento com tudo o que me inquieta, me motiva, me preocupa: obrigada pelo porto-seguro.

Agradeço também ao meu namorado, Juliano, pelo apoio e pela compreensão. Obrigada pela companhia e pelos momentos de distração.

A meu orientador, Prof. Me. Cristiano da Silveira Pereira, agradeço pelo trabalho que deu certo e pela oportunidade. Obrigada pela excelência, pelo envolvimento e pela confiança.

Meus agradecimentos aos demais professores de Letras do IFRS – Campus Feliz –, por terem feito a diferença durante toda a minha licenciatura. Agradeço por terem contribuído com minha formação e com meu crescimento pessoal.

Aos meus amigos e às colegas Caroline, Juliane e Karine, agradeço por terem tornado esse caminho mais simples e leve através das conversas, risadas e auxílios. Obrigada pela companhia, pela parceria e pelo constante apoio.

“Se ser humano é ser na linguagem, ser humano também é ser social, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis: tentar separá-las é como tentar negar a existência de um dos lados de uma folha de papel, de uma das faces de uma moeda.”

Marcos Bagno

RESUMO

O presente trabalho observa a pronúncia do fone [r] em palavras da Língua Portuguesa na fala de usuários descendentes de falantes do Hunsrückisch e visa estudar o preconceito linguístico desencadeado pela variante fonológica do r-tepe /r/ existente na fala desses descendentes. Este trabalho, na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, propõe que a língua seja investigada empiricamente, nas relações entre variáveis linguísticas e fatores sociais. Nesse sentido, a variável linguística considerada neste trabalho diz respeito ao contato linguístico entre a Língua Portuguesa Brasileira, idioma oficial do país, e a língua de imigração presente na cidade de Feliz e região do Vale do Caí, o Hunsrückisch. As influências desse contato linguístico relacionam-se à fonética-fonologia do Português falado por descendentes alemães. É possível perceber na fala desses descendentes a troca do r-forte /r/ e /x/ pelo r-tepe /r/ em palavras da Língua Portuguesa, e a substituição desse fonema, muitas vezes, é motivo de preconceito linguístico com os descendentes que utilizam essa variante fonológica devido ao contato com a língua de imigração alemã. O objetivo, portanto, é verificar a ocorrência dessas variantes em diferentes contextos: início de palavra (posição pré-vocálica) e posição intervocálica com [r] ortográfico e início de sílaba na fala de descendentes de falantes de Hunsrückisch e compreender a motivação dessa troca de fonemas em cada um desses contextos. A hipótese inicial era a de que a influência do Hunsrückisch na pronúncia do r-tepe /r/ em palavras da Língua Portuguesa por descendentes de alemães ocorria devido à diferença na articulação do fonema nas línguas em questão. A metodologia se centrou primeiramente na leitura do nosso *corpus* com fins de selecionar os sujeitos descendentes de usuários do Hunsrückisch e verificar a ocorrência das variantes nos diferentes contextos apresentados. Com intuito de se observar situações de preconceito linguístico, houve uma segunda etapa da investigação que envolveu entrevistas com os descendentes de imigrantes alemães a fim de se constatar situações vivenciadas em relação à variante fonológica estudada.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Hunsrückisch. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

The present work observes the pronunciation of the [r] phoneme in words of the Portuguese Language in the speech of users descendants of Hunsrückisch speakers and aims to study the linguistic prejudice triggered by the phonological variant of r-tepe / r / existing in the speech of these descendants. This work, from the perspective of Variationist Sociolinguistics, proposes that the language be investigated empirically, in the relations between linguistic variables and social factors. In this sense, the linguistic variable considered in this study concerns the linguistic contact between the Brazilian Portuguese Language, the official language of the country, and the immigration language present in the city of Feliz and the region of the Caí Valley, the Hunsrückisch. The influences of this linguistic contact are related to the phonetic-phonology of Portuguese spoken by German descendants. It is possible to perceive in the speech of these descendants the exchange of r-forte / ř / and / x / by r-tepe / r / in words of the Portuguese Language, and the substitution of this phoneme is often reason for linguistic prejudice with descendants who use this phonological variant due to the contact with the German immigration language. The aim, therefore, is to verify the occurrence of these variants in different contexts: word beginning (pre-vowel position) and intervocalic position with [r] orthographic and syllable beginning in the speech of descendants of Hunsrückisch speakers and understanding the motivation of this exchange phonemes in each of these contexts. The initial hypothesis was that the influence of the Hunsrückisch on the pronunciation of r-tepe / r / in words of the Portuguese language by descendants of Germans occurred due to the difference in articulation of the phoneme in the languages in question. The methodology focused primarily on reading our corpus in order to select the descendant subjects of Hunsrückisch users and verify the occurrence of the variants in the different contexts presented. In order to observe situations of linguistic prejudice, there was a second stage of the investigation that involved interviews with the descendants of German immigrants in order to verify situations experienced in relation to the phonological variant studied.

Keywords: Sociolinguistic Variation. Hunsrückisch. Linguistic Prejudice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupos étnicos presentes na região sul do Brasil	24
Figura 2 – Trajetória do Hunsrückisch.....	25
Figura 3 – Contínuo linguístico do Hunsrückisch como variedade dialetal de imigrantes em contato com o português.....	27
Figura 4 – Estrutura do substandard por G. Bellmann	29
Figura 5 – Segunda língua falada pela população da região sul do Brasil	35
Figura 6 – A ocorrência do r-tepe /r/ na região sul o Brasil	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Município de domicílio dos entrevistados	43
Gráfico 2 – Descendência familiar dos entrevistados.....	44
Gráfico 3 – Aspectos percebidos na fala das pessoas.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Realização do fone [r] na palavra rato.....	46
Quadro 2 – Realização do fone [r] na palavra corrida	48
Quadro 3 – Realização do fone [r] na palavra cadeira	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O CONTEXTO DE USO DO HUNSRÜCKISCH	15
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: O QUE É LÍNGUA PARA LABOV?	15
2.2	O HUNSRÜCKISCH.....	17
2.2.1	Hunsrückisch: dialeto, variedade ou língua de imigração?	17
2.2.2	A imigração alemã no Brasil	21
2.2.3	A língua de imigração Hunsrückisch.....	25
3	PRECONCEITO LINGUÍSTICO	30
3.1	PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA	32
3.1.1	Preconceito linguístico com descendentes alemães usuários do Hunsrückisch em Feliz.....	33
3.1.2	O fone [r] na língua portuguesa brasileira e no Hunsrückisch	36
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
4.1	A ESCOLHA DA LOCALIDADE	40
4.1.1	A delimitação dessa localidade	40
4.2	OS INFORMANTES	40
4.3	A VARIÁVEL LINGUÍSTICA	41
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	43
5.1	APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	43
5.2	DESCRIÇÃO DO USO DA VARIÁVEL NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ.....	45
5.3	O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM RELAÇÃO AO R-TEPE /r/ E OS DESCENDENTES DE ALEMÃES USUÁRIOS DO HUNSRÜCKISCH DA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ	49
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – ENSINO MÉDIO	62
APÊNDICE B – DADOS COLETADOS NO IFRS – CAMPUS FELIZ – ENSINO MÉDIO	64
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	77
ANEXO A – MAPA DEMONSTRA AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM INÍCIO DE SÍLABA.....	84
ANEXO B – MAPA DEMONSTRA AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA.....	84
ANEXO C – MAPA DEMONSTRA AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA, INÍCIO DE SÍLABA	86
ANEXO D – MAPA DEMONSTRA AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA, INÍCIO DE SÍLABA	86

1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é o idioma oficial do Brasil, conforme o artigo 13 da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988). O idioma é herança de um processo de colonização de Portugal que durou 322 anos e que, conseqüentemente, deixou marcas em nossa cultura. Ainda assim, o Português não é a única língua falada por aqui, pois dados de 2013 dão conta de que cerca de 330 línguas são faladas no Brasil (ALTENHOFEN, 2013), dentre elas encontram-se línguas autóctones, tais como as línguas indígenas, e línguas alóctones, relativas aos imigrantes.

O Rio Grande do Sul é um Estado conhecido por sua diversidade de culturas e de línguas, pois hospeda imigrantes de diversas origens, além de contar com uma extensa fronteira (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

Dentre esses imigrantes, estão os alemães que chegaram a essa terra, segundo Assmann (2009), em 25 de julho de 1824, trazendo consigo sua cultura, seus costumes e a esperança de uma vida nova no novo mundo. Os imigrantes que aportaram na colônia de São Leopoldo, no Vale dos Sinos, passaram a explorar as terras, atingindo zonas mais isoladas, como Feliz, que, em 1853, já abrigava cerca de 90 famílias. (ASSMANN, 2009).

Nesse processo migratório, além da cultura e dos costumes, os imigrantes vindos da Alemanha, que colonizaram a colônia de São Leopoldo e arredores, trouxeram consigo sua língua e suas variedades linguísticas.

O Hunsrückisch, variedade linguística alemã falada no sul do Brasil, foi uma dessas línguas trazidas pelos alemães da região de Hunsrück durante o processo de imigração que se iniciou no Brasil em 1824. Essa variedade tem como base, essencialmente, o dialeto francônio-renano, porém se desenvolveu no decorrer do tempo, tendo influências de outros dialetos alemães em solo brasileiro e, também, do Português.

O presente trabalho diz respeito ao contato dessa variedade dialetal que atualmente pode ser considerada como uma língua de imigração, com o Português Brasileiro. A variedade alemã envolvida no contato é o Hunsrückisch, falada na região do Vale do Caí, mais especificamente por descendentes de alemães da cidade de Feliz.

Na cidade de Feliz, o Hunsrückisch se faz presente nas mais diversas situações, sejam elas familiares, sejam comerciais. Na cidade de berço alemão, a

maioria dos habitantes possui a língua de imigração como parte de sua identidade, além das influências econômicas e culturais alemãs. O uso da língua ocorre, principalmente, por pessoas mais idosas que, na maioria das vezes, a adquiriram como língua materna. Desse modo, é comum, por exemplo, a exigência da fala do “Alemão” em postos de emprego, pois, quando esses sujeitos solicitam algum serviço ou desejam comprar algo com o uso do Hunsrückisch, a comunicação é mais efetiva.

As influências desse contato linguístico não se limitam apenas a aspectos lexicais em que ocorre o empréstimo de palavras entre as línguas, mas também no campo da fonética-fonologia do Português falado por descendentes alemães. Nesse campo, é possível perceber no fenômeno da fala desses descendentes a troca do r-forte [r̃] e [x] pelo r-tepe [r] em palavras da Língua Portuguesa. Porém, a substituição desse fonema, muitas vezes, é motivo de preconceito linguístico com os descendentes que se utilizam dessa variante fonológica devido ao contato com a língua de imigração alemã.

Nessa perspectiva, o presente trabalho estuda o preconceito linguístico com a variante fonológica do r-tepe [r] na fala de usuários descendentes de falantes do Hunsrückisch. Pretende-se observar a pronúncia do fone [r] em palavras da Língua Portuguesa e entender a razão pela qual esses usuários são alvos de preconceito.

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a linha de pesquisa dos estudos que abordam línguas de imigração, pois, apesar de a região poder ser considerada uma potencialidade para o estudo de línguas em contato, há carência nesse tipo de pesquisa na região.

A pesquisa ocorreu através da aplicação de questionários e da realização de entrevistas com estudantes em idade escolar dessa mesma cidade. Primeiramente, pretende-se verificar as ocorrências das variáveis fonológicas r-tepe [r] e r-forte [r̃] e [x] do Português falado por descendentes de imigrantes alemães que usam o Hunsrückisch e examinar em quais contextos isto ocorre. Além disso, o presente estudo analisa ocorrências de preconceito linguístico decorrentes dessas variações fonológicas no contexto da comunidade escolar de Feliz.

Enfim, identificadas as principais questões que embasam o presente trabalho, se pretende esclarecer a sua organização. Na seção 2, foram apresentados aspectos que devem ser levados em consideração sobre o contexto de uso do Hunsrückisch. Primeiramente, apresenta-se o modelo teórico desta pesquisa, a

Sociolinguística Variacionista. Em seguida, discute-se a possibilidade de se considerar o Hunsrückisch um dialeto, uma variedade ou uma língua de imigração. Posteriormente, são apresentados aspectos históricos da imigração alemã, as características e especificidades linguísticas relativas à língua em questão.

A seção 3 se refere ao preconceito linguístico, na qual primeiramente são abordadas suas características e a sua relação com a variação fonético-fonológica. Depois disso, são apresentados os aspectos do preconceito linguístico em relação aos descendentes alemães usuários do Hunsrückisch, bem como especificidades do fone [r] na Língua Portuguesa em contraste com o Hunsrückisch.

Na seção 4, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados, juntamente aos critérios utilizados para seleção dos informantes.

Por fim, na seção 5, são apresentadas as análises relativas aos dados coletados, referentes ao número de ocorrências das variações linguísticas do fone [r] em cada contexto estudado. Em seguida, são retratadas as análises a respeito das manifestações de preconceito linguístico nas entrevistas realizadas. As conclusões obtidas através da análise de dados serão relatadas juntamente às considerações finais.

2 O CONTEXTO DE USO DO HUNSRÜCKISCH

Na presente seção, pretende-se abordar alguns aspectos que servirão de base para o desenvolvimento desse trabalho, como o conceito de língua a ser utilizado a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Além disso, ao versar sobre línguas, há uma necessidade de reunir não somente aspectos linguísticos, mas também abordar dados geográficos e históricos. Neste caso, se faz necessário observar o Hunsrückisch, sua origem, onde é falado, como e por que chegou ao Brasil. Diante disso, também é preciso determinar: o Hunsrückisch é um dialeto, uma língua de imigração ou uma variedade linguística do Alemão? Essas indagações serão realizadas para que, posteriormente, seja realizado o estudo das variações fonológicas que ocorrem na fala de descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch em relação ao fone [r], bem como sua relação com o preconceito linguístico.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: O QUE É LÍNGUA PARA LABOV?

A Sociolinguística é um dos campos de estudo da Linguística que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala”. (MOLLICA, 2015, p. 9) e, por sua vez, realiza seus estudos articulando questões linguísticas e sociais. Segundo Mollica, ela ocupa um “espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (2015, p. 9). Portanto, a Sociolinguística é reconhecida por correlacionar a língua e a sociedade.

A Sociolinguística teve início como um campo de estudo por volta de 1960 com a realização de estudos mais sistemáticos nessa área. Seus pioneiros, Bright (1966) e Fishman (1972), tiveram dificuldades em delimitá-la com exatidão. Bright foi o primeiro a empenhar-se em caracterizar o conteúdo da Sociolinguística. Segundo Monteiro (2008, p. 15), “ele formula uma série de vagas ideias sobre a relação entre língua e sociedade e termina afirmando que o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística.”

Inicialmente, nesse campo, surgiram dois nomes para os estudos: Sociolinguística e Sociologia da Linguagem; a Sociolinguística preocupava-se com a descrição da linguagem levando em consideração o efeito da sociedade sobre a

língua, enquanto a Sociologia da Linguagem explicava o contrário, o efeito da língua na sociedade.

As ideias de descrever a heterogeneidade linguística e de estabelecer um padrão que conseguisse abordar todos os fatores sociais que influenciavam na língua só se resolveram com os estudos de Labov ([1972] 2008) que, por sua vez, ficou conhecido através de sua Teoria da Variação Linguística.

Monteiro (2008, p. 16) pontua que, naquela época, eram muito remotas as possibilidades de aceitabilidade de estudos linguísticos com uma “perspectiva socialmente realista”, pois os linguistas se dedicavam somente aos seus idioletos¹. De um modo geral, é possível destacar que, desde Saussure, existiram muitos linguistas tentando solucionar problemas e dar explicações quanto à língua. Porém, a Sociolinguística oportunizou o estudo científico de ocorrências linguísticas que, até então, estavam excluídas.

A Sociolinguística pode ser entendida, segundo Monteiro (2008, p. 26), a partir de duas perspectivas distintas: a macrossociolinguística e a microssociolinguística. A primeira delas se preocupa em explicar as relações entre língua e a sociedade como um todo, enquanto a segunda, os efeitos dos fatores sociais nas estruturas linguísticas.

Neste trabalho, se faz presente a ideia da segunda perspectiva através da Sociolinguística Variacionista que, acreditando na relação entre língua e sociedade, criou um modelo de análise que busca sistematizar as variações que existem na língua falada. Conforme Salomão (2011, p. 190), a Sociolinguística “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia a dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece”.

Deste modo, a Sociolinguística Variacionista, atribuída a William Labov, propõe que a língua seja considerada como um fato social, um sistema heterogêneo que está sujeito à variação pelo seu emprego social e partilhado em situações comunicativas. Para Labov, “todo enfoque linguístico teria que necessariamente ser social, em virtude da natureza do fenômeno que é a linguagem.” (MONTEIRO, 2008, p. 16). Segundo Marques (2011, p. 46), “Labov, assim como Benveniste, foge da

¹ “Variedade oral individual, a qual se percebe em cada falante da menor e mais segregada comunidade especificamente.” (WANDRUSZKA, 1979, p. 38).

concepção de língua sistêmica e adentra no campo da exterioridade: da relação da língua(gem) com os falantes e a vida social.” Até então, diversos linguistas se utilizavam da noção de *langue* saussuriana (parte social da linguagem), contudo não consideravam a vivência social. Nesse sentido, o aspecto social não era apreciado pela Linguística na língua, tanto que Labov (2008, p. 220), sinaliza que é preciso ampliar a ideia de língua, pois: “[...] o objeto da linguística tem de ser, [...], o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala.” Portanto, nessa perspectiva, a língua possui uma relação inseparável com a sociedade e é, por isso, um mecanismo vivo e deve ser analisado no seu desempenho atual.

2.2 O HUNSRÜCKISCH

O Hunsrückisch, objeto de pesquisa deste trabalho, possui, segundo Altenhofen (2003), uma situação sociolinguística específica que levanta uma série de questões sobre a identificação dessas variedades de contato como unidades de estudo, sendo que essas precisam ser esclarecidas antes do início da pesquisa.

Segundo Anschau (2010, p. 22), “O Hunsrückisch é uma língua de imigração, minoritária, provinda de uma matriz original, onde constituía uma variedade da língua alemã, um dialeto, poderíamos dizer, que entra em contato com o Português, num novo contexto.” Nesse sentido, faz-se aqui necessária uma reflexão a respeito dos conceitos de dialeto, variedade e língua de imigração para compreender o que integra a língua-alvo deste trabalho.

2.2.1 Hunsrückisch: dialeto, variedade ou língua de imigração?

Dialeto, segundo Coseriu (1982, p. 10), é uma forma compartilhada de falar, ou seja, é uma forma de relação entre indivíduos, mesmo que esses não necessariamente pertençam a um mesmo grupo familiar.

² [...] un modo común y tradicional de hablar es un sistema de isoglossas realizable en el hablar mismo: y un sistema de isoglossas “completo”, o sea,

² Um modo comum e tradicional de falar é um sistema de isoglossas realizáveis no mesmo discurso: é um sistema de isoglossas “completo”, isto é, realizável - direta ou indiretamente - como uma atividade linguística, é uma linguagem. Com efeito, o conceito geral de “língua” é o de sistema de isoglossas comprovado em uma atividade linguística completa, isto é, que permite que a fala e a compreensão de vários indivíduos de acordo com uma tradição possam ser estabelecidas

realizable – directa o indirectamente – como actividad lingüística, es una lengua. En efecto, el concepto general de “lengua” es el de “sistema de isoglosas comprobadas em uma actividade lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de vários individuos de acuerdo con una tradición pueden establecerse convencional y ocasionalmente. [...] todo sistema que pueda funcionar en el hablar (o se deduzca de su funcionamiento em la actividad lingüística) es una “lengua”. (COSERIU, 1982, p. 10).

Dessa forma, Coseriu (1982), em contrapartida a um discurso muito propagado, caracteriza dialeto como uma língua. Popularmente, o termo dialeto é relacionado a tudo que não é padrão, conforme pontua Bagno (2014, p. 38): “Nessas situações, o termo dialeto aparece empregado sem nenhum rigor científico, mas sempre como um rótulo para designar alguma coisa ‘menor do que uma língua’”.

Nesse sentido, em aspectos puramente lingüísticos, não há diferença entre língua e dialeto. Segundo Meyer (2009, p. 8), efetivamente a diferença entre os termos língua e dialeto é de caráter institucional, pois a língua é reconhecida pelo Estado e compõe a sua tradição, enquanto que o dialeto é um subsistema da língua que não é reconhecido pelo Estado e poucas vezes possui uma tradição escrita. Nessa perspectiva, Bagno (2014) também reconhece a influência política nessa questão:

Afinal, como teria dito o linguista Max Weinreich: ‘uma língua é um dialeto com exército e marinha’. Ou seja, são os poderes políticos que vão determinar se uma determinada maneira de falar é um ‘mero dialeto’ ou uma ‘língua de verdade’. (BAGNO, 2014, p. 38).

Entretanto, Coseriu (1982, p. 11) possui a sensibilidade de ressaltar: “si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua es un dialecto.”³ Segundo Horst (2014, p. 33), a diferença entre esses dois termos ocorre em relação ao seu *status* histórico, já que um dialeto depende de uma língua de categoria superior. Por isso, não se fala em “línguas de um dialeto”, e sim “dialetos de uma língua.” Portanto: “Cada dialeto é uma variedade de uma língua histórica.” (HORST, 2014, p. 33).

Desse modo, o Hunsrückisch pode ser considerado um dialeto em relação a sua língua-base, o Alemão-padrão, e dado a sua familiaridade e suas semelhanças

convencionalmente e ocasionalmente. [...] qualquer sistema que possa funcionar na fala (ou deduzido de sua função na atividade lingüística) é uma “língua”.

³ Se todo ‘dialeto’ é uma língua, nem toda ‘língua’ é um dialeto.

linguísticas. Nesse sentido, o Alemão seria a língua histórica que possui diferentes modos de falar e dialetos, entre os quais está o Hunsrückisch.

Segundo Anschau (2010, p. 29), outros autores como Lenz (2005) e Schmidt (2005) optam por utilizar o termo *variedades linguísticas* ao invés de dialeto devido às diversas significações subjetivas que o termo recebeu com a sua popularidade. Schmidt (2005, p. 66) estabelece variedade como sendo a *parole* de um grupo social, ou seja, uma forma singular de se falar, que é múltipla e imprevisível.

Conforme Horst (2014, p. 34), toda língua varia e possui variedades, portanto ninguém fala “O português”, “O Hunsrückisch”, e sim se fala uma variedade do Português ou do Hunsrückisch. A ocorrência de variação na língua já é reconhecida na Linguística, pois não há como ter uma língua homogênea e imutável. Segundo Meyer (2009, p. 9),

As línguas variam não apenas no eixo diatópico, como também em uma mesma localidade, entre grupos sociais distintos, entre homens e mulheres, jovens e velhos, entre famílias distintas, e até mesmo um único indivíduo varia seu “modo de falar” diante de situações diversas.

Nesse sentido, entende-se que a variação também acontece de forma intrínseca, ou seja, uma mesma variedade dialetal pode ter suas variações.

O termo variedade, muitas vezes, pode ser empregado de forma abrangente, por exemplo, quando dizemos que naquele estado se fala “Alemão”, é como se todos os falantes se utilizassem da mesma variedade, o que não é real, conforme afirma Altenhofen (2003, p. 148): “O termo *variedade* é utilizado por nós como termo neutro para designar um modo de falar integrado na matriz pluridimensional total de variação da língua.”

Quanto a demarcar diferenças e/ou semelhanças entre uma variedade e outra, Altenhofen (2008, p. 39-40) pontua:

Identificar dialetos puros não parece, aliás, a questão mais importante e mais crucial. Muito mais correto e produtivo para o pesquisador é dizer que a variedade falada por um indivíduo ou comunidade apresenta prioritariamente traços que remetem a determinado dialeto (questão da vinculação histórica e geográfica a uma possível matriz de origem).

Conforme Altenhofen (2008), portanto, pode-se investigar quais as tendências de variação existentes em cada dialeto dependendo do foco da análise que se queira realizar.

Segundo Anschau (2010, p. 30), no Brasil, o Hunsrückisch possui o *status* de língua de imigração. Língua de imigração (alóctone) é uma língua trazida por seus imigrantes de seu local de origem à nova morada. Segundo Borella e Zimmer (2009, p. 1, apud Altenhofen, 2007), há duas razões para justificar e definir esse conceito: a origem em outro país e ser uma língua de uso minoritário. Por outro lado, cabe ressaltar que, levando em consideração uma atitude pejorativa que os falantes já carregam em relação à língua, é importante estabelecer esse *status* de língua de imigração, conforme pontuam Borella e Zimmer (2009, p. 1): “De acordo com a política linguística atual, consideramos o Hunsrückisch não mais um dialeto, e sim uma língua de imigração. A substituição fez-se para que a acepção pejorativa do termo pudesse ser desfeita.”

Contudo, a diferença entre dialeto e língua de imigração se verifica efetivamente no seu espaço de ocupação. O dialeto está subordinado historicamente a uma língua-padrão, enquanto que o conceito de língua de imigração evidencia seu *status* de língua minoritária em outro país. Nesse sentido, o Hunsrückisch poderia ser considerado dialeto tendo em vista a sua língua padrão, o Alemão, e também uma língua de imigração presente no Brasil, que é falada ao lado do Português, língua oficial desse país.

Porém, segundo Spinassé (2008, p. 121), muitos linguistas admitem o Hunsrückisch como um novo sistema linguístico e não um dialeto direto do Alemão-padrão atual. Nesse sentido, Altenhofen (1996, p. 71) afirma: “Se o termo ‘dialeto’ tivesse que ser usado, então o Hunsrückisch seria uma variedade ‘sem teto’”, levando em consideração que o Hunsrückisch não está mais diretamente subordinado a uma língua-padrão. Conforme Spinassé (2008, p. 121): “O conceito mais apropriado seria “socioleto”⁴ ou familioleto”⁵, já que representa um código linguístico para comunidades específicas e mesmo famílias específicas”. A utilização desses conceitos tratariam, com mais especificidade, as formas atuais do Hunsrückisch.

Não obstante, neste trabalho, segundo as concepções teóricas levantadas, considera-se que o Hunsrückisch, no contexto no qual será referido, é uma língua de imigração tendo em vista a sua origem e seu caráter minoritário em outro país. Além

⁴ Linguagem diária de um determinado grupo. (SPINASSÉ, 2008).

⁵ Forma de fala específica e característica de uma família. (SPINASSÉ, 2008).

disso, o termo língua de imigração é empregado com intuito de desconstruir uma ideia equivocada de “língua menor” ou de “língua misturada” relativa ao Hunsrückisch. Por fim, ainda cabe afirmar que o Hunsrückisch, conforme Spinassé (2008, p. 122), é uma das línguas no Brasil, que é considerada patrimônio cultural imaterial do país ao lado de outras línguas de imigração e indígenas.

2.2.2 A imigração alemã no Brasil

As línguas de imigração são fruto de um grande movimento de imigração que iniciou, no Brasil, em 1824. Conforme Basso e Ilari (2017), no século XVIII, a monarquia portuguesa realizou um projeto para colonizar o Pará, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul através de imigrantes açorianos. Porém, a partir do século XIX, a monarquia passou a se preocupar em substituir a mão de obra escrava e em “branquear” a população brasileira:

[...] as teses sobre o branqueamento da população brasileira contidas na obra de alguns brasileiros notáveis desde o século XIX, como Sylvio Romero, Euclides da Cunha, João B. de Lacerda, Oliveira Vianna e outros menos cotados [...] eram bastante precisas: a imigração de brancos europeus devia realizar um papel fundamental na formação da nação brasileira – “branquear” uma população predominantemente mestiça e negra. Assim, através da mestiçagem [...] seriam eliminadas as raças “inferiores” (negros, índios e seus mestiços) através da seleção natural e social. (SEYFERTH, 2003, p. 48).

Desse modo, portanto, foram iniciados projetos de colonização de imigrantes europeus e asiáticos. Na época, o cenário sócio-histórico era bastante propício para os países envolvidos. Os países de origem dos imigrantes vivenciavam o início da industrialização e um aumento demográfico decorrido das guerras napoleônicas, o que ocasionou um grande empobrecimento da população e a carência de terras para agricultura. Para Spinassé (2008, p. 127), no caso da Alemanha:

A pobreza predominava na Alemanha e os governos não davam conta de auxiliar e amparar a população. Essa situação emergencial era grave e muitas pessoas passavam fome. Além disso, as perseguições religiosas, o sistema agrícola ainda muito marcado pelo feudalismo e o alto índice de natalidade entre os camponeses levavam a graves problemas, como a falta de emprego, e às sérias crises no caso de uma má colheita, como ocorreu nos anos de 1816/17 no estado de Baden.

No Brasil, o interesse por imigrantes, além do estímulo à mão de obra livre e o objetivo de “clarear” a população, se voltava para o povoamento das áreas de

fronteiras, além da ideia de criar uma classe de pequenos proprietários rurais cujo ofício fosse o plantio de novos produtos.

Assim sendo, foram enviados agentes de imigração para a Europa para que esses realizassem uma propaganda do Brasil. Essa divulgação ocorreu, principalmente, nos estados alemães e na Suíça. Essa propaganda levou esperança ao povo alemão, que viu na imigração ao Brasil uma oportunidade de começar uma nova vida. Portanto, conforme Spinassé (2008), os alemães acreditavam em tudo que lhes era dito e davam o que tinham para pagar a viagem.

O período de imigração começou em 1820, tendo seu auge entre 1890 e 1930. Conforme Basso e Ilari (2017), nesse período desembarcaram no Brasil quase quatro milhões de imigrantes, principalmente italianos, alemães, portugueses, espanhóis, árabes, turcos e japoneses.

Segundo Assmann (2009), os primeiros alemães vieram das regiões de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hannover, e, mais tarde, um grupo significativo chegou de Hunsrück e do Palatinado.

As primeiras famílias chegaram ao Rio Grande do Sul e desembarcaram em São Leopoldo em 25 de julho de 1824, conforme afirma Spinassé (2008, p. 128):

Do Rio de Janeiro, os imigrantes eram mandados primeiramente para o sul do Brasil, pois exatamente esta região precisava ser povoada, para que os limites fronteiriços com os países hispânicos fossem assegurados e resguardados [...].

Aqui os imigrantes não encontraram nada do que lhes fora prometido: campos vastos com casa, animais, árvores frutíferas, mas grandes áreas de mato virgem que tiveram que desbravar:

Assim, foram criadas no sul várias comunidades distintas e independentes. Cada grupo de imigrantes que chegava junto e abria uma clareira na mata para si permanecia, normalmente, junto. Em torno dessas pequenas comunidades não havia nenhum outro grupo de pessoas. (SPINASSÉ, 2008, p. 128-129).

Em 1846, em Porto do Guimarães, atual cidade de São Sebastião do Caí, conhecida dessa maneira pois o local servia de centro para exportação de produtos à capital, estabeleceram-se comunidades que, na época, eram conhecidas como “picadas”. As picadas pertencentes, na época, ao Porto de Guimarães estavam nos atuais municípios de Feliz, Bom Princípio e Montenegro.

Por volta de 1853, segundo Assmann (2009), na Picada Feliz já residiam cerca de 90 famílias, algumas provenientes de outras colônias e outros imigrantes vindos diretamente da Alemanha.

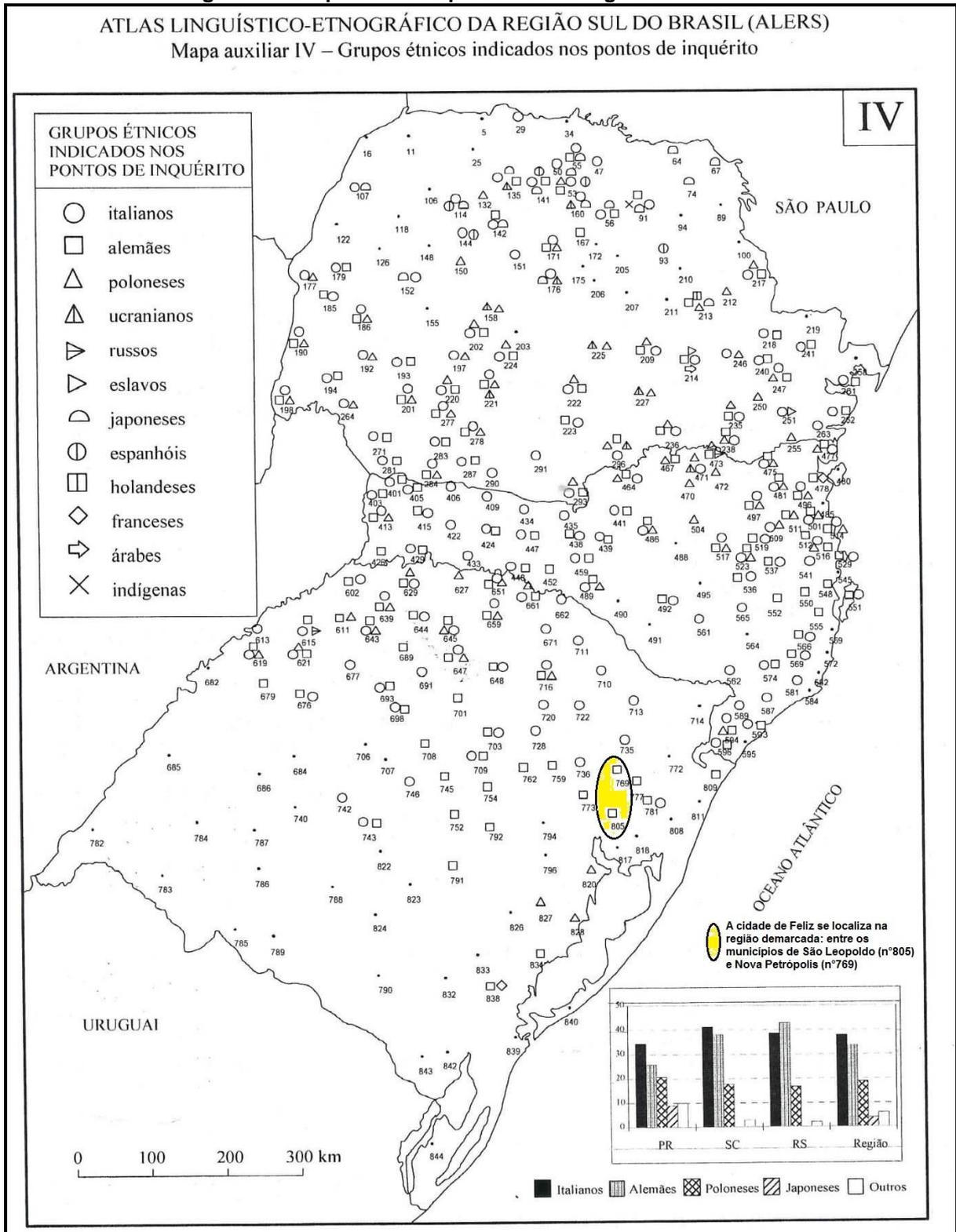
Anos mais tarde, houve a necessidade da construção de uma estrada que interligasse os Campos de Vacaria à Colônia de São Leopoldo. Essa construção que ligava São Leopoldo ao norte do Estado via Feliz trouxe um acentuado desenvolvimento à cidade, principalmente na rede hoteleira para viajantes e comerciantes que viajavam do interior à Colônia de São Leopoldo ou à capital Porto Alegre para vender seus produtos.

O transporte desses produtos era realizado por meio de carretas puxadas por animais. Na época de chuvas, os viajantes tinham de esperar o rio baixar ou improvisavam balsas para passagem das carroças, porém, com essa longa espera, perdiam-se muitos produtos. Devido a essa demanda, fez-se necessária a construção de uma ponte sobre o Rio Caí na Picada Feliz. Em 1900, a ponte trazida da Bélgica foi inaugurada, resolvendo, assim, todos os problemas de travessia.

Posteriormente, em 1959, foi decretada a Emancipação Política Municipal pela Lei Estadual 3.726/1959, que atribuiu a categoria de município à Picada Feliz que, até então, pertencia a São Sebastião do Caí.

A Figura 1 apresenta um mapa dos principais grupos étnicos presentes na região sul do Brasil. Nele, é possível observar a significativa presença de alemães na região da cidade de Feliz.

Figura 1 – Grupos étnicos presentes na região sul do Brasil



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 90).

A cidade de Feliz, portanto, integrou esse processo de imigração alemã vivenciado pelo país no século XIX. Dessa maneira, a maior parte da população é descendente de alemães. O mapa que indica os grupos étnicos presentes na região

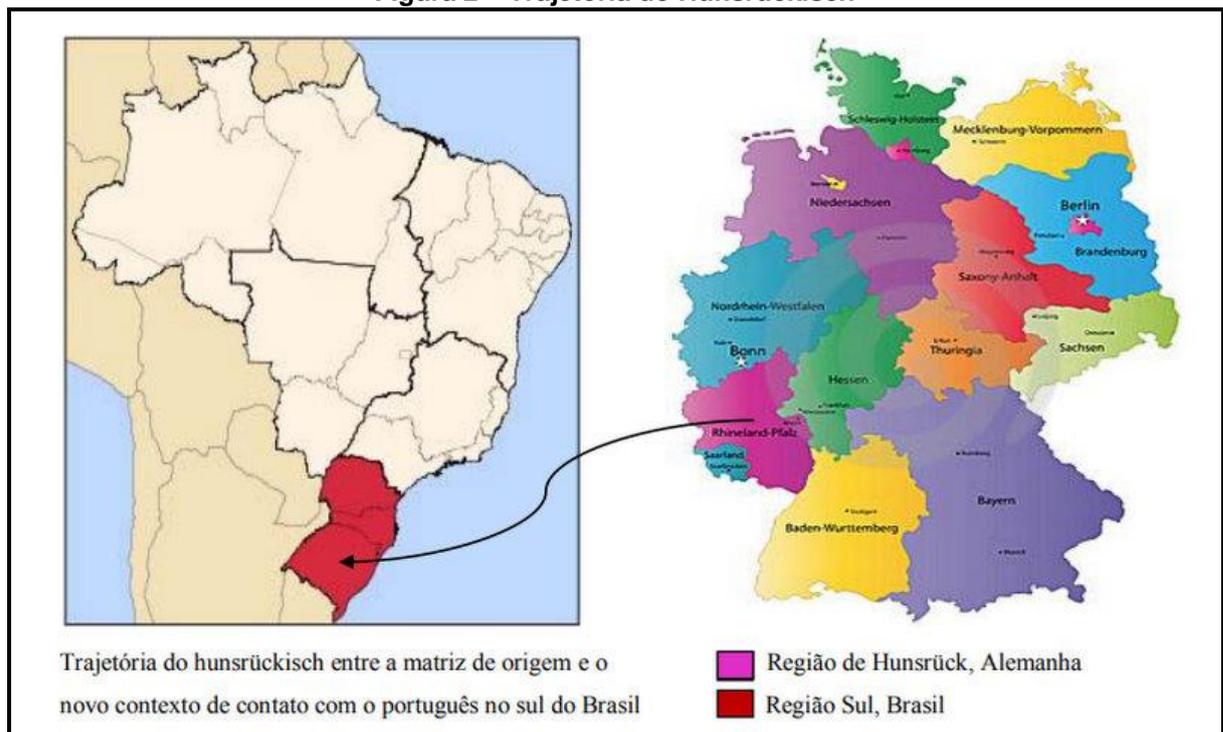
sul do Brasil confirma a significativa presença de descendentes de alemães na região onde fica localizada a cidade de Feliz, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

2.2.3 A língua de imigração Hunsrückisch

Os imigrantes, além da esperança de uma nova vida no “Novo Mundo”, trouxeram consigo sua cultura, seus costumes e sua língua. Segundo Altenhofen (2013), atualmente, no Brasil, temos a presença de, pelo menos, 13 línguas de imigração que são de origem alemã, dentre elas está o Hunsrückisch.

A Figura 2 apresenta a trajetória do Hunsrückisch da Alemanha até a região sul do Brasil.

Figura 2 – Trajetória do Hunsrückisch



Fonte: KÄFER (2010, p. 9).

O Hunsrückisch foi uma das línguas trazidas com maior força pelos alemães da região de Hunsrück, que se localiza em uma região montanhosa da Alemanha, na região da Renânia Central, próxima das fronteiras com a França e Luxemburgo:

O Hunsrückisch, tal como é hoje e com essa denominação, originou-se de dois tipos do dialeto francônio (francônio-renano e francônio-moselano), os quais começaram a vir para o Brasil em 1824, trazidos pelos seus falantes

dessa região chamada Hunsrück, localizada entre os rios Reno e Mosela. (SPINASSÉ, 2013, p. 335).

A região de Hunsrück é cercada por rios, sendo povoada, principalmente, nos vales onde há terras férteis nas margens dos rios. A região, por ser bastante montanhosa, produz uvas e muito vinho. Tendo em vista esses aspectos, supõe-se que essas características tenham favorecido a adaptação dos imigrantes ao Rio Grande do Sul.

Segundo Altenhofen (1996), o Hunsrückisch é, provavelmente, uma das variedades mais faladas no Brasil, por isso se configura como suprarregional. Spinassé (2017) pontua que a disseminação do Hunsrückisch se deve ao fato de que, no alto do processo de imigração, a maioria dos imigrantes alemães vieram da região de Hunsrück e, portanto, sendo a língua da maioria, naturalmente se sobrepôs às outras variedades como o *pomerano* e o *vestfaliano*.

O Hunsrückisch é uma língua de imigração essencialmente falada, podendo ser chamado de *coiné*, ou seja, o produto de uma fusão dos dialetos alemães que se encontraram aqui, pois os contatos dos dialetos alemães com o Alemão padrão e o Português, além de outras línguas de imigração, constituíram o Hunsrückisch. De acordo com Spinassé (2017), o Hunsrückisch atuou, por vezes, como uma língua franca⁶ entre colônias próximas com falantes de outras variedades:

[...] o Hunsrückisch, em relação a outros dialetos alemães, é tipologicamente mais próximo do alemão considerado padrão, e acabava sendo adotado, em situações de contato linguístico, também por falantes de outras variedades – por exemplo, em colônias próximas ou quando pessoas de outra variedade eram inseridas na família através de casamento. (SPINASSÉ, 2017, p. 97).

Conforme explicitam estudos de Altenhofen (1996), o Hunsrückisch, portanto, apresenta uma composição de elementos linguísticos heterogêneos e traços de outras variedades dialetais. Esses elementos foram revelados através das pesquisas do autor entre as colônias fundadas em 1824 e as outras colonizadas a partir de 1890. Portanto, Altenhofen (2003) assim define o Hunsrückisch:

Um contínuo dialetal variável entre um extremo francônio-moselano, mais desviante do alemão-padrão, e outro francônio-renano, mais próximo deste, sendo que a esse contínuo se acrescentam influências variáveis do contato

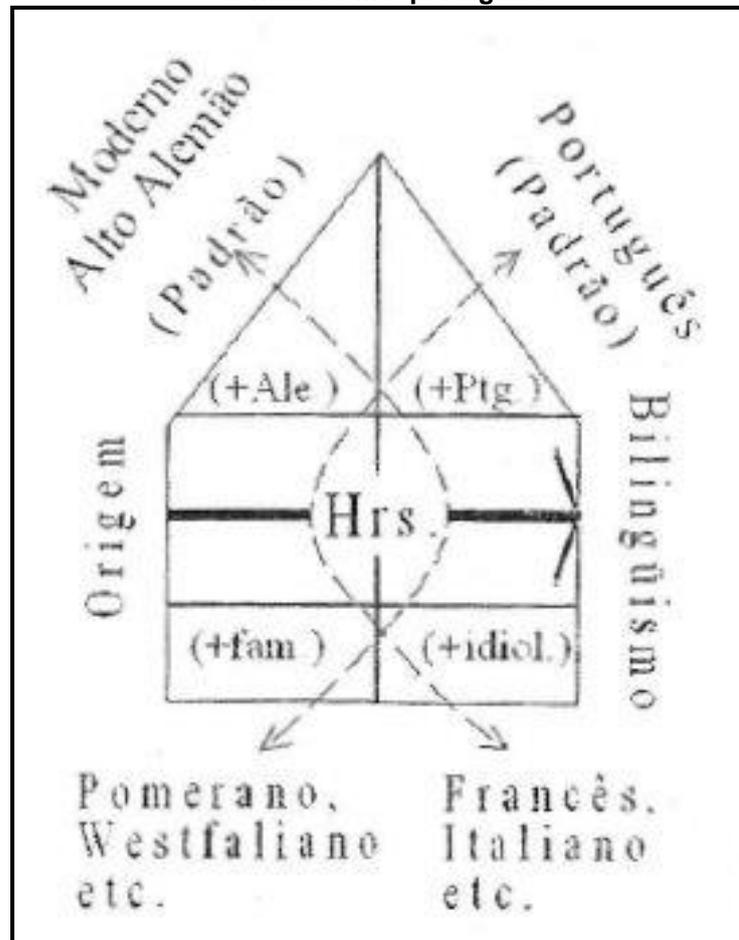
⁶ Denominação de qualquer língua que serve para a comunicação entre pessoas que não têm outra língua em comum. (PRIŠTIC, 2010).

maior ou menor com o português e com o próprio padrão do alemão (Hochdeutsch). (ALTENHOFEN, 2003, p. 150).

Portanto num âmbito diacrônico da língua, é possível perceber, na Figura 3, que essa variedade dialetal de imigrantes apresenta uma progressão, considerando que ela parte, originalmente, monolíngue na variedade alemã, passa pela agregação de componentes do Português até chegar ao bilinguismo. Esse bilinguismo, segundo Altenhofen (2003, p. 150), pode ser em grau variado, em ambas as línguas de contato, ou pela completa substituição da língua de imigrantes para o Português.

A Figura 3 demonstra o contínuo linguístico em que se encontra o Hunsrückisch.

Figura 3 – Contínuo linguístico do Hunsrückisch como variedade dialetal de imigrantes em contato com o português



Fonte: ALTENHOFEN (2003, p. 151).

O Hunsrückisch, na Figura 3, ocupa o centro, onde recebe influências do Alemão Padrão (+Ale) e suas variedades e, simultaneamente, também recebe influências do Português Padrão (+Ptg) e de outras línguas como o Francês e o

Italiano. É importante observar que as linhas durante o percurso da língua padrão até as variedades se atravessam e, por sua vez, também se apropriam dos famioletos (+fam) e os idioletos⁷ (+idiol), ou seja, agregam elementos de variações linguísticas presentes nessas línguas.

Nesse sentido, o Hunsrückisch apresenta-se em um contínuo linguístico como ocorre com todo e qualquer grupo de variedades no âmbito linguístico que compõe uma língua (SCHNEIDERS, 2017, p. 30, apud BERRUTO, 2010). O Hunsrückisch é, logo, o produto do contato de variedades linguísticas do Alemão e de outras línguas, sistematizadas em um contínuo lingüístico. (ALTENHOFEN, 1996). Assim, o Hunsrückisch reúne componentes integrados mediante constantes contatos com outras variedades do Alemão.

Bagno (2001, p. 163) define, através do termo *diglossia* (= duas línguas), uma situação em que essas estão em uso ao mesmo tempo por uma comunidade de falantes, cumprindo funções distintas, sendo que uma delas geralmente possui “um *status* sociocultural mais prestigioso que a outra.” O autor ainda pontua que, no Brasil, vive-se uma circunstância particular, pois ainda que não se tenha a presença de duas “línguas” diferentes, possuímos “uma distribuição bastante desigual dos usos atribuídos às variedades mais padronizadas e dos atribuídos às variedades menos padronizadas ou francamente não padrão.” (BAGNO, 2001, p. 163).

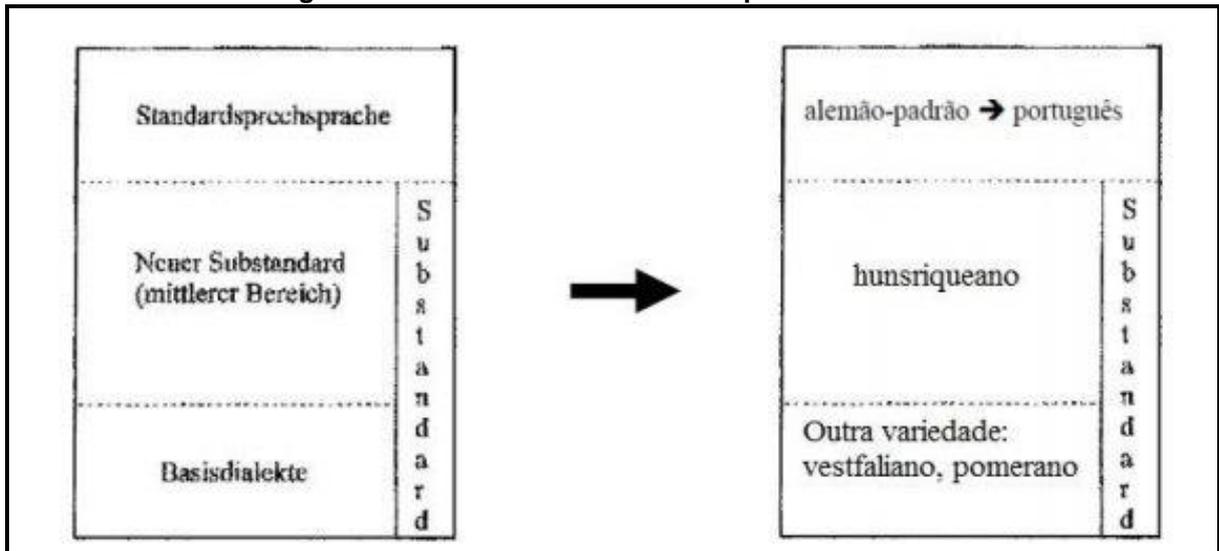
É importante ressaltar que aqui se entende como variedade mais padronizada ou de prestígio aquela que é empregada pela mídia, no espaço político, entre outros. Em compensação, a variedade menos padronizada ou não padrão é aquela empregada nas conversações familiares, na vida cotidiana. Essas variedades, por sua vez, segundo essas posições, podem ser identificadas como *standard* [variedade + padrão], *substandard* [variedade – padrão] e pelo dialeto-base⁸ que é, por sua vez, uma subvariedade da variedade *substandard*, pois apresenta um grau de dialetalidade maior.

A Figura 4 apresenta a estrutura do *substandard* que possibilita compreender um pouco mais da conjuntura do Hunsrückisch.

⁷ Designação do modo de falar característico de um indivíduo. (BAGNO, 2007).

⁸ Termo definido por Bellmann (1983) como *Basisdialekt*.

Figura 4 – Estrutura do substandard por G. Bellmann



Fonte: HORST (2014, p. 38).

De acordo com o esquema, é possível perceber que o Alemão-padrão (Hochdeustsch), que ocupava um lugar na categoria *standard*, está cedendo seu lugar ao Português no Brasil, principalmente com os acontecimentos do projeto de nacionalização do Estado Novo (1940) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando as línguas de imigração foram proibidas.

O Hunsrückisch encontra-se no nível *substandard*, considerando-se que é uma variedade de tradição oral sem escrita padronizada. Na categoria de dialeto-base, no esquema, temos exemplificadas outras variedades adjuntas ao Hunsrückisch que possuem, portanto, um maior grau de dialetalidade, como, por exemplo: o vestfaliano e o pomerano.

3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

No âmbito social, a palavra preconceito é aplicada à frente de vários termos como forma de definir as diversas manifestações desse em nossa sociedade. Dentre esses, destaca-se o preconceito linguístico que, apesar de ser um sério problema social, é identificado por pouquíssimas pessoas, conforme destaca Bagno (2015, p. 22):

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo.

Por esse motivo, muitas vezes, define-se o preconceito linguístico como uma espécie de preconceito velado devido ao seu caráter de (quase) invisibilidade social.

É preciso assinalar que, de modo geral, o uso da linguagem pode ser considerado sob dois aspectos: o formal e o informal; o primeiro utilizado em situações formais, nas quais há uma “demanda” da norma culta⁹; e o segundo, em situações cotidianas, em que não se fazem necessárias formalidades.

A língua, em uma perspectiva social, acaba por expor as características, os valores e os hábitos dos indivíduos. Nesse sentido, Käfer (2010) pontua que a escolha de uso de um ou outro gênero pode explicitar traços do indivíduo, bem como de seu contexto:

A escolha de determinada forma linguística em detrimento de outra pode surgir a partir de aspectos que interferem na sustentação de algumas línguas, entre eles, os mitos e o preconceito linguístico, impregnados de valores negativos que influenciam na sustentação do homem como ser ativo na sociedade. (KÄFER, 2010, p. 12).

Nessa perspectiva, é possível lembrar-se de um discurso recorrente e presente na sociedade: “Por que eu quero estudar Português? Eu não sei falar direito... eu falo errado!”; ou ainda “Como assim quantas línguas eu falo? Mal sei falar Português!”. Conforme Bagno (2015, p. 24), o preconceito linguístico se evidencia através dessas afirmações que reiteram uma imagem (negativa) que o

⁹ Aqui entendida como: “uma língua ideal, baseada (supostamente) no uso dos grandes escritores (do passado, de preferência), um modelo abstrato (que não corresponde a nenhum conjunto real das regras que governam a atividade linguística por parte dos falantes)” (BAGNO, 2012, p.23)

brasileiro tem de si mesmo e da língua que fala. Esse discurso decorre do mito da unidade linguística do Brasil:

[...] se nega o caráter multilíngue do país, onde são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de fatores remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista. (BAGNO, 2015, p. 26).

O fato é que não existe língua una e uniforme. Bagno (2013) opta por definir a língua como instável: “A língua é instável porque a sociedade é instável. Tudo o que é humano está sujeito permanentemente à variação e à mudança. E nada mais humano do que a língua que falamos.” (BAGNO, 2013, p. 37). Nesse sentido, Bagno (2015, p. 27) explica que o caráter homogêneo da língua não é real:

O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.).

Logo, não existe língua “feia”, “pobre” ou ainda língua “melhor” ou “mais correta”. Toda língua varia de acordo com a necessidade da comunidade na qual está inserida, portanto é preciso perceber que todo falante nativo de uma língua conhece essa língua, pois o conhecimento dessa implica em utilizá-la com naturalidade, empregando suas regras básicas de desempenho.

Nessa perspectiva, Bagno (2015, p. 64) fundamenta o preconceito linguístico:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Outrossim, a escola, muitas vezes, atua e colabora com esse tipo de preconceito, pois, na maioria das vezes, ela se apresenta através de um conceito de linguagem restrito e, dessa forma, prioriza um padrão linguístico, ignorando todas as outras variedades linguísticas presentes. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o caso de alguns brasileiros, por exemplo, pode ser considerado dramático, pois a grande parte da população que possui como língua materna variedades populares da

língua, quando chega à escola, não percebe seus antecedentes culturais e linguísticos serem respeitados - o que lhe gera insegurança - e, além disso, sequer a norma culta lhe é ensinada de forma eficiente.

É preciso ressaltar que não está se questionando a utilidade e/ou inutilidade de uma norma-padrão, sendo que essa é aqui entendida como um “modelo idealizado de língua ‘certa’ descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa.” (BAGNO, 2015, p. 2). Nesse sentido, entende-se que é preciso desconstruir o equívoco entre os conceitos de língua e norma culta. É essencial considerar que quase ninguém em sua fala cotidiana (espontânea) e nem mesmo na escrita monitorada utiliza a forma que é prevista pela norma-padrão. Portanto, se a língua for entendida em seu desempenho real, é possível dizer que a norma-padrão não faz parte da língua. (BAGNO, 2015).

Entretanto, isso também não permite dizer que a variação, estudada pela Sociolinguística, é caótica e aleatória; pelo contrário, ela possui sua estrutura, organização e é condicionada por diferentes fatores. Segundo Bagno (2007), a heterogeneidade ordenada da língua se deve ao fato de a língua ser altamente estruturada: “[...] um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com coerência funcional.” (BAGNO, 2007, p. 43).

Nesse contexto, Bagno (2015) pontua que o Português brasileiro apresenta um “alto grau de diversidade e variabilidade” decorrente não só da extensão territorial do país, mas também devido à má distribuição de renda do mesmo. (BAGNO, 2015). Esse caráter diverso e variável do Português, indicado por Bagno (2015), muitas vezes gera situações de preconceito linguístico devido às diferenças que existem entre as variações.

3.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

Uma mesma palavra pode ser pronunciada variavelmente, e isso ocorre devido à variação já mencionada. Lamentavelmente, há uma tendência no ensino da língua, que se estende ao senso comum, de se ensinar a pronunciar as palavras exatamente do jeito que se escreve, alegando que essa é a única maneira “certa” de se falar português. (BAGNO, 2015).

A partir dessa tendência, portanto, é que partem os julgamentos e os conceitos da existência de um falar “certo” e um “errado”. Bagno (2015) inclusive aponta para a criação de uma língua sintética:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil. (BAGNO, 2015, p. 80).

A importância da língua falada pode ainda ser assinalada pelo fato de que é ela o palco das mudanças e das variações que ocorrem e que continuamente transformam a língua. (BAGNO, 2015).

3.1.1 Preconceito linguístico com descendentes alemães usuários do Hunsrückisch em Feliz

O contato linguístico, aliado ao cenário histórico da imigração alemã, originou uma nova variedade linguística do Português. Na cidade de Feliz há o contato da língua oficial do país, o Português, com uma língua de imigração, o Hunsrückisch, variedade falada pelos imigrantes alemães e seus descendentes.

No Brasil, pode-se dizer que existem diversas situações de bilinguismo, ou seja, situações em que o Português convive junto de outras línguas. Conforme Basso e Ilari (2017), algumas dessas comunidades já foram “ilhas aloglotas”¹⁰, porém, devido às circunstâncias impostas pelo Estado Novo (1937-1944) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esses imigrantes tornaram-se bilíngues e, em seguida, alguns abandonaram a sua língua materna. Desse modo, Spinassé conclui:

O português se impôs com o tempo tão fortemente nas colônias, que os descendentes entre si também deixaram (e se deixam) influenciar pelo idioma português. Fora das comunidades eles falam o português – atualmente todos já o falam sem restrições como uma de suas línguas maternas -, mas essa língua os acompanha agora até em casa, na família e no seu Hunsrückisch. (SPINASSÉ, 2008, p. 139).

Logo, é possível verificar que o uso do Hunsrückisch, atualmente, não é mais tão marcado culturalmente, ou seja, o Português vem sendo empregado em lugar do Hunsrückisch (SPINASSÉ, 2008). Segundo Spinassé (2013), a significativa

¹⁰ Comunidades de fala não-portuguesa, cercada por todos os lados pelo português. (BASSO; ILARI, 2017).

presença de elementos do Português no Hunsrückisch, com o tempo, acabou sendo vista como negativa, o que concedeu à língua um *status* pejorativo de 'língua misturada'. Essa imagem negativa que o Hunsrückisch possui na sociedade tem relação, por exemplo, com a ideia de monolingüismo presente na sociedade brasileira, que idealiza a norma padrão e, portanto, não admite as suas variações aos fatores históricos já mencionados.

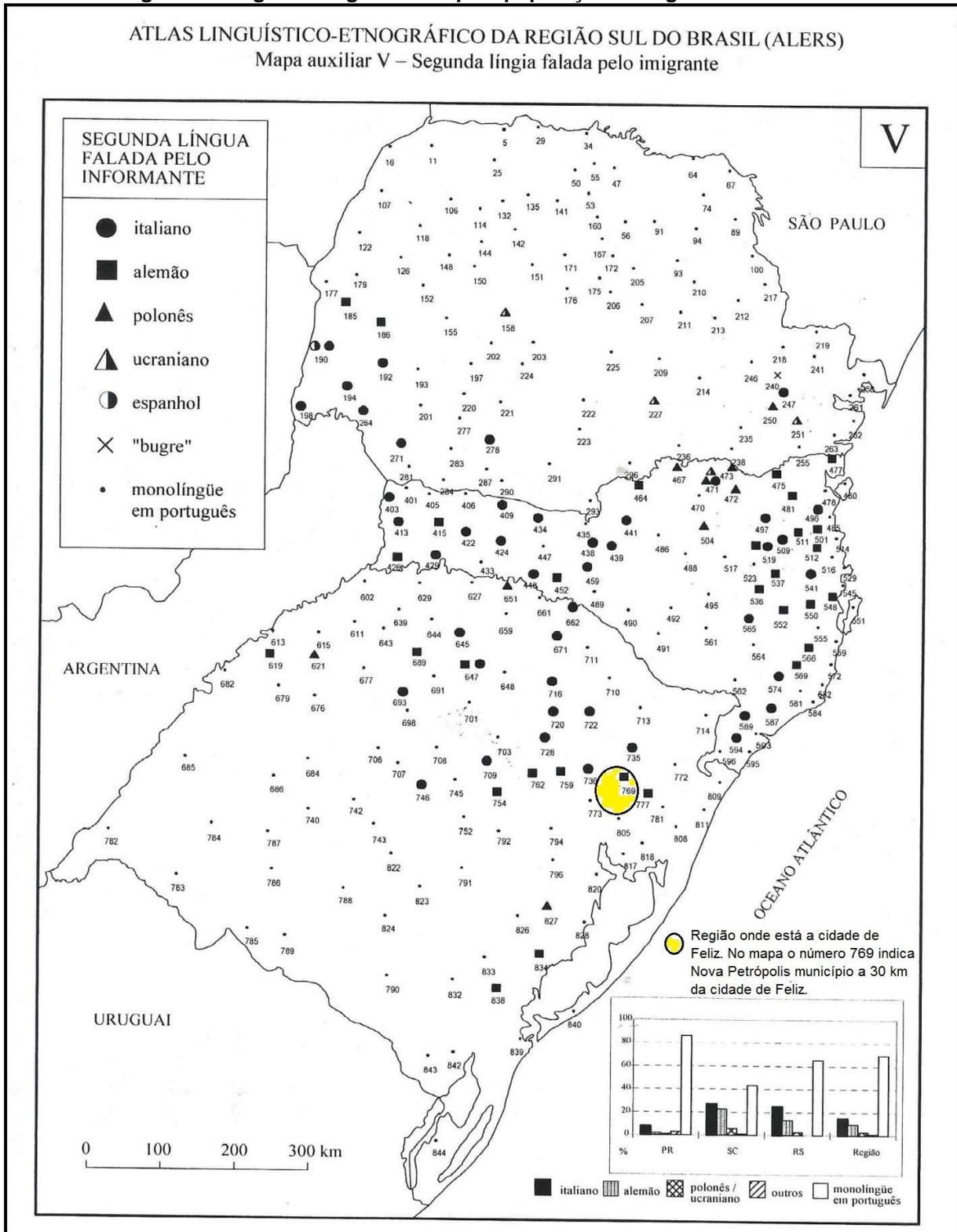
Todo esse contexto colaborou para que algumas famílias parassem de falar o Hunsrückisch devido à ideia de que se tratava de uma língua inferior e secundária. Nesse sentido, Spinassé (2013) observa:

Muitos dos que continuam falando sofrem, ainda hoje, preconceito em relação a seu sotaque ou mesmo preconceito pelo simples fato de falar uma língua 'diferente', pois muitas pessoas ainda defendem que no Brasil só se fala português ou acreditam na tese de que [o Hunsrückisch] se trata de uma língua 'menor'. (SPINASSÉ, 2013, p. 337).

A maioria das pessoas da região de Feliz, descendentes de alemães, possui competência linguística no Hunsrückisch tanto que, geralmente, o adquirem como língua materna. No entanto, devido às imposições já declaradas, elas também possuem habilidades na Língua Portuguesa, logo podem ser consideradas bilíngües. Essa situação de bilingüismo pode ser confirmada pelo mapa, a seguir na Figura 5, que indica a situação de bilingüismo vivenciada em diferentes espaços da região sul do Brasil. É possível observar que, dentre a diversidade de língüas apresentadas, as mais recorrentes são o Italiano e o Alemão, e essas se distribuem de acordo com as áreas colonizadas por cada grupo.

A Figura 5 apresenta a segunda língua informada pelos falantes dessas regiões. É possível observar que, na região de Feliz, a língua informada é o Alemão.

Figura 5 – Segunda língua falada pela população da região sul do Brasil



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 91).

O sujeito bilíngüe, durante as suas práticas linguísticas, pode variar a sua fala em questões de grau, função, alternância e interferência (MACKEY, 1972 apud SCHNEIDERS, 2017). Conforme Schneiders (2017), as questões de grau dizem

respeito aos níveis de proficiência do indivíduo nas quatro habilidades; a função indica “para que e em que condições” a língua é utilizada; a alternância é a mudança de uma língua para outra; e, a interferência “é como uma das línguas do indivíduo influencia” no desempenho de outra. (SCHNEIDERS, 2017, p. 34). Nessa perspectiva, verifica-se que no contexto desse trabalho, há uma situação de bilinguismo entre o Português brasileiro e o Hunsrückisch em que existe uma interferência fonológica.

Essa interferência fonológica ocorre por meio do sotaque¹¹ proveniente do Hunsrückisch. O sotaque, segundo Bagno (2015), se caracteriza por traços segmentais e/ou por traços suprasegmentais e demonstra, instantaneamente, a identidade linguística do falante.

Nesse sentido, no contexto considerado, tem-se uma interferência fonológica que tem como característica traços segmentais, especialmente, em relação ao fone [r], uma vez que a troca dos fonemas r-forte [r̥] e [x] pelo r-tepe [r], ao pronunciarem palavras do Português, é característica em descendentes de alemães usuários de Hunsrückisch da cidade de Feliz.

3.1.2 O fone [r] na língua portuguesa brasileira e no Hunsrückisch

O fone [r] é classificado como uma consoante, sendo que esse é o elemento que, combinado a uma vogal silábica, forma uma sílaba. Desse modo, a consoante possui diferenças articulatórias que variam de acordo com a sua posição na palavra: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014).

As consoantes do Português, tal como a língua, apresentam variações no seu uso que, segundo Monaretto, Quednau e Hora (2014), podem ser influenciadas pelo ambiente fonético em que se encontram, por distribuição complementar ou livre, ou ainda por fatores extralinguísticos geográficos e/ou sociais. As consoantes que se apresentam em mais de uma forma com o mesmo significado são chamadas de variantes e dividem-se em posicionais (impostas pela posição na sílaba ou palavra) e livres (variantes típicas de uma comunidade, grupo social ou regional). (CÂMARA JR., 1977 apud MONARETTO, QUEDNAU e HORA, 2014, p. 208).

¹¹ O termo sotaque designa a maneira como cada falante “canta” a sua língua conforme as características da sua região, classe social ou etnia. (BAGNO, 2015).

Assim sendo, uma das consoantes variáveis que possui mais formas da Língua Portuguesa Brasileira é o fone [r]. De acordo com Monaretto, Quednau e Hora (2014), os modos de articulação do [r] dependem do dialeto e do contexto linguístico:

Na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre a vibrante forte, independentemente de sua realização fonética; em posição pós-vocálica (carne, mar), o contexto de maior variação, predomina a simples em dialetos do Sul; em grupo consonântico (prato), só aparece a vibrante simples; na posição intervocálica, a diferença é importante, pois distingue significados como em caro/carro[...]. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 212).

Em relação à vibrante, há uma controvérsia entre autores quanto ao seu status fonológico: um ou dois fonemas? Segundo Monaretto, Quednau e Hora (2014), a literatura menciona duas interpretações: a de que o Português possui duas vibrantes (a forte e a fraca) e a de que ele possui apenas um fonema vibrante. Cabe esclarecer que, neste trabalho, não se pretende pontuar sobre esse conflito de modo a defender uma ou outra interpretação. Sendo assim, utilizar-se-á a concepção de Steffen (2013), que considera que o fonema vibrante pode ter duas realizações: “r-forte e r-fraco, brando ou simples”. Nessa perspectiva, Monaretto, Quednau e Hora (2014) apresentam as possíveis variáveis do fonema:

O ‘r’, que pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido) e aspirada ([h]ápido), ou como uma vibrante simples (c[r]avo, ma[r]), ou ainda como um som retroflexo ([ɾ]ápido, ma[ɾ]). (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014, p. 208-209).

Tendo em vista as possíveis variações do fonema, em início de sílaba, Steffen (2013, p. 244) ressalta sua variação de acordo com a região: “[...] é realizado como fricativa velar [x] no Rio de Janeiro, como fricativa glotal [h] em Belo Horizonte, e mais no sul, em São Paulo e no Rio Grande do Sul como vibrante múltipla alveolar [r].”

Ainda segundo Steffen (2013), o fonema /r/, quando em posição de coda silábica, neutraliza o contraste que há entre r-forte e r-fraco; deste modo, é possível que, em uma variedade, se pronuncie ou um r-tepe /r/ ou uma das variantes do r-forte.

De acordo com Monaretto (2002), a Língua Portuguesa Brasileira tem disposição de alteração do ponto de articulação (de anterior para posterior) e no modo de articulação (vibrante para fricativa) do fonema vibrante forte, porém essa

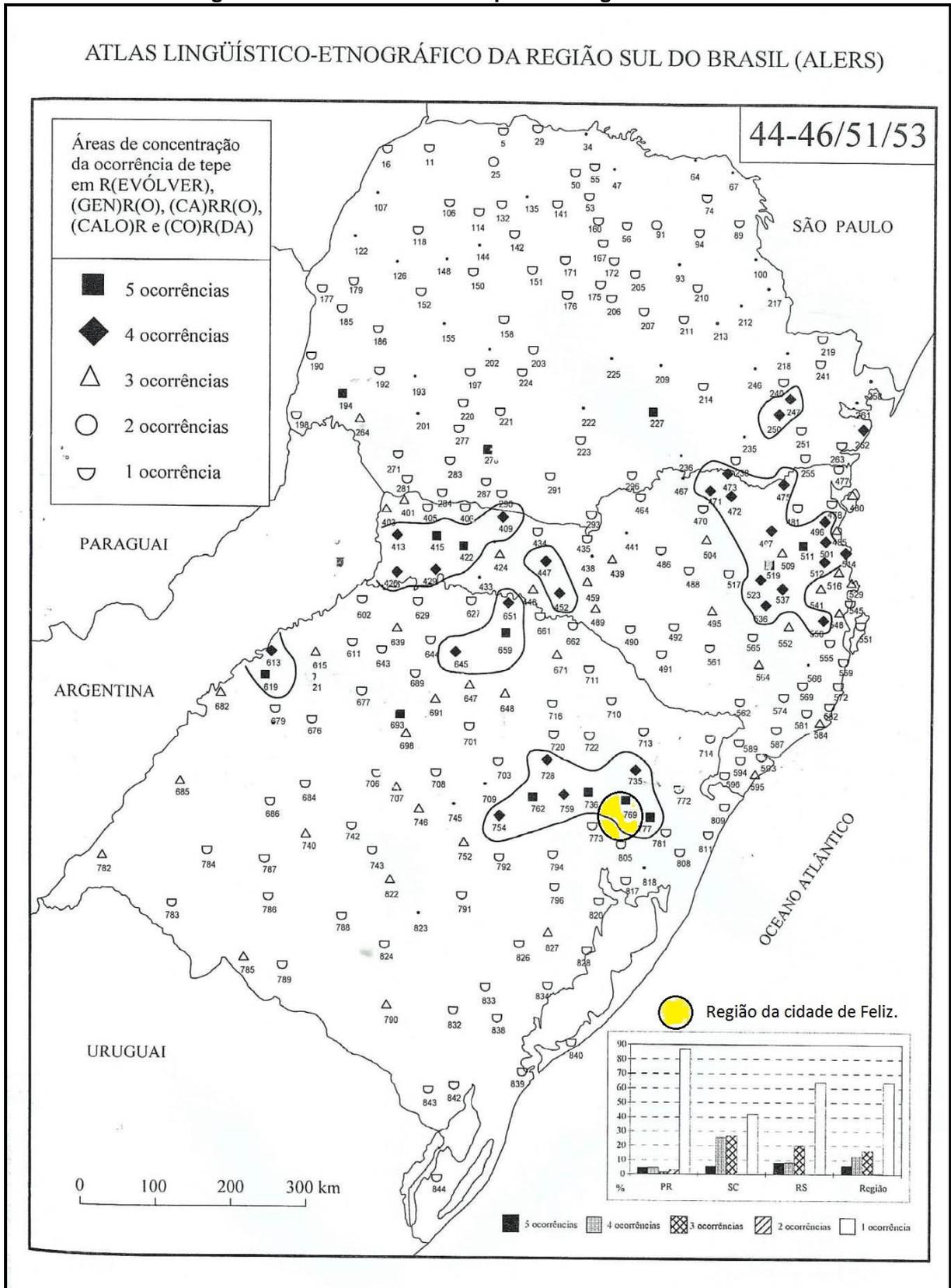
mudança ocorre lentamente na região sul devido aos abundantes contatos linguísticos da língua com as línguas de imigração. Por esse motivo, é possível verificar a possibilidade do uso da vibrante alveolar na região sul. (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

Já no Hunsrückisch, língua de imigração falada por descendentes de alemães da cidade de Feliz, há apenas a realização de um fonema vibrante, a vibrante simples alveolar, isto é, o r-tepe [r]. Por conseguinte, a transferência da realização fonética do [r] do Hunsrückisch para a Língua Portuguesa falada por descendentes de alemães é um efeito natural, que é configurado pela neutralização citada anteriormente. (STEFFEN, 2013). Essa transferência fonética é também apontada por Monaretto, Quednau e Hora (2014) quando pontuam que a articulação alveolar é predominante no Rio Grande do Sul e ainda que os bilíngues de colonização europeia, como os imigrantes alemães, substituem a vibrante múltipla pela simples em qualquer contexto da palavra. (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2014).

De acordo com o mapa apresentado a seguir, é possível verificar que a ocorrência do r-tepe [r], em contexto de r-forte, é bastante significativa em algumas áreas da região sul do Brasil. É preciso constatar que uma das áreas indicadas no mapa, com maior ocorrência do r-tepe, é a região onde está situada a cidade de Feliz, área ao nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, é possível concluir que ocorre a transferência fonética do - r-forte para r-tepe - do Hunsrückisch na fala em Língua Portuguesa de descendentes de alemães da cidade de Feliz, em palavras como 'correio' e 'rato'.

Na Figura 6, está um mapa que destaca as principais áreas de ocorrência do r-tepe [r] em contexto de r-forte na região sul em diferentes posições silábicas. Entre as áreas destacadas se encontra a região onde está localizada a cidade de Feliz (em destaque).

Figura 6 – A ocorrência do r-tepe /r/ na região sul o Brasil



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 259).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os pressupostos teóricos apresentados embasaram a organização desta pesquisa, desde a determinação dos objetivos até a análise dos dados coletados. Em seguida, serão apresentados os procedimentos utilizados.

4.1 A ESCOLHA DA LOCALIDADE

A cidade de Feliz, localizada no Vale do Caí, foi escolhida por ser uma cidade instituída por imigrantes alemães e pela grande presença de seus descendentes na região. Traços da herança alemã são visíveis em diferentes manifestações culturais, entre elas a língua. As pessoas mais idosas da localidade pertencem à segunda e à terceira geração dos primeiros imigrantes alemães que chegaram à região.

4.1.1 A delimitação dessa localidade

A cidade escolhida é considerada uma cidade pequena no Brasil. Possui uma população de cerca de 13.000 habitantes. A coleta de dados desta pesquisa ocorreu em uma instituição da comunidade escolar de Feliz, com alunos que frequentam o primeiro ano ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) do Campus Feliz. Inicialmente, se pretendeu abarcar na pesquisa os alunos da comunidade escolar das séries finais do Ensino Fundamental de Feliz, mas se observou que ainda não há uma consciência sobre preconceito linguístico, sobre o fone [r] e suas variações.

4.2 OS INFORMANTES

Foram realizadas 65 entrevistas no total, sendo que dessas 31 no ensino fundamental e outras 34 no ensino médio da comunidade escolar de Feliz. É preciso ressaltar que, para este trabalho, somente foram consideradas as informações coletadas por entrevistados pertencentes ao ensino médio, pois, conforme já mencionado, se constatou que os alunos em nível de anos finais do ensino fundamental não possuem consciência sobre preconceito para identificarem o contraste entre os sons dos fonemas estudados.

Assim sendo, a realização desta pesquisa consiste em entrevistas que foram realizadas com alunos do ensino médio em duas etapas. Primeiramente, realizou-se uma entrevista com base num roteiro de perguntas previamente montado (Apêndice A). Essas perguntas estavam subdivididas em três partes: a primeira referia-se aos entrevistados, suas famílias e a comunidade em que residem; a segunda parte discorria sobre as manifestações culturais que conheciam e diferenças observáveis entre essas; a terceira e última parte ocupou-se das especificidades linguísticas estudadas. Os entrevistados responderam as questões de maneira escrita, tendo conhecimento que suas identidades seriam preservadas. Os dados coletados nas entrevistas foram transcritos e tabulados para análise.

Posteriormente, na segunda etapa, foram selecionados alguns dos entrevistados, descendentes de usuários do Hunsrückisch, a partir de suas respostas na primeira etapa. Os entrevistados escolhidos, em algumas respostas, sinalizaram preconceito linguístico. Assim, realizou-se com esses informantes a segunda etapa de entrevistas que foi voltada, especificamente, ao preconceito linguístico. As entrevistas tiveram por base um roteiro previamente montado (Apêndice C), mas que tiveram interferências de acordo com as respostas dos informantes. Elas ocorreram em pequenos grupos e foram gravadas em áudio com conhecimento dos entrevistados, transferidas para o computador e, posteriormente, transcritas.

4.3 A VARIÁVEL LINGUÍSTICA

Conforme já mencionado, a Sociolinguística Quantitativa pesquisa a variação e a mudança da língua numa determinada comunidade de fala. Nesse sentido, a comunidade de fala desta pesquisa é formada por habitantes da cidade de Feliz, descendentes de alemães falantes de Hunsrückisch, onde ocorre o contato linguístico entre a Língua Portuguesa e o Hunsrückisch. Com base nos dados fornecidos pelos 18 informantes que se declararam descendentes de alemães e que, portanto, possuem contato com o Hunsrückisch, pretende-se analisar o uso da variável fonética-fonológica que, entre outros, caracteriza esse contato: a troca dos fonemas r-forte [r̥] e [x] pelo r-tepe [r].

Para determinar a influência da língua de imigração na fala em Língua Portuguesa dos descendentes de alemães usuários de Hunsrückisch da

comunidade escolar de Feliz, é preciso identificar em quais contextos fonéticos a pronúncia do [r] se diferencia. Portanto, as variáveis linguísticas pesquisadas são:

- a) posição pré-vocálica (início de palavra), como em rato;
- b) posição intervocálica (meio de sílaba), como em corrida;
- c) posição intervocálica no início de sílaba, como em cadeira.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

5.1 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados, na comunidade escolar de Feliz, 34 estudantes que cursam o ensino médio. A comunidade escolar de Feliz recebe alunos que são habitantes da cidade, bem como de outros municípios vizinhos.

O Gráfico 1 apresenta o município de domicílio dos entrevistados.

Gráfico 1 – Município de domicílio dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Segundo o Gráfico 1, é possível verificar que a maioria dos alunos entrevistados da comunidade escolar de Feliz vive na cidade, porém outros tantos pertencem a diferentes cidades vizinhas da região.

Além do lugar onde residem, os entrevistados foram questionados quanto a sua descendência familiar, dados apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Descendência familiar dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2018).

A maioria dos entrevistados se identificou como descendente de alemães, portanto possivelmente esses descendentes possuem contato com o Hunsrückisch. Os outros entrevistados, em escala menor, se identificaram como descendentes de italianos e franceses, enquanto uma minoria não soube informar sua descendência, portanto identificaram-se somente como “gaúchos”.

Em seguida, quando questionados se percebem se uma pessoa é da região ou não, a grande maioria dos entrevistados (cerca de 80%), curiosamente, apontou o sotaque ou modo de falar como elemento responsável para essa identificação.

Posteriormente, os entrevistados foram questionados se percebem diferentes sotaques no Estado e quais seriam as diferenças que observam entre eles. A maioria dos entrevistados informou perceber diferentes sotaques no Estado do Rio Grande do Sul, e as principais diferenças apontadas foram os sotaques de descendentes de alemães e italianos. Os sotaques apontados pelos entrevistados são coerentes, tendo em vista que a região e cidades próximas foram colonizadas por alemães e italianos. Dessa maneira, o sotaque característico desses se faz presente na região, sendo que alguns ainda preservam as línguas de seus descendentes.

Sendo assim, na pergunta seguinte, os entrevistados foram questionados (espontaneamente) sobre o que lhes chama atenção, de maneira especial, quando estão conversando com outra(s) pessoa(s).

O Gráfico 3 apresenta os principais aspectos indicados.

Gráfico 3 – Aspectos percebidos na fala das pessoas



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Conforme os dados apresentados no Gráfico 3, a grande maioria dos entrevistados mencionou que o aspecto que mais chama atenção na fala das pessoas é em relação ao uso das palavras. Os entrevistados, nesse aspecto, mencionaram o uso de palavras “erradas” (como “seje” e “trusse”), palavras diferentes (como mexerica, pão francês), a troca de palavras (*mais* no lugar de *mas*) e o uso de gírias.

Em segundo e em terceiro lugar, apareceram os aspectos de pronúncia e sotaque, respectivamente. De forma surpreendente, nesses aspectos, os entrevistados mencionaram o sotaque alemão e a pronúncia do “r”. Alguns entrevistados mencionaram que observam quando pessoas falam com r-fraco palavras que possuem dois “r” (como em carro), enquanto outros apenas citaram que observam a pronúncia desse fonema.

Desta forma, passar-se-á para a análise dos dados quanto ao uso dessa variável na comunidade escolar de Feliz.

5.2 DESCRIÇÃO DO USO DA VARIÁVEL NA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ

Os entrevistados identificaram a sua pronúncia em três palavras que apresentam dois contextos diferentes de realização do fone [r]: início de palavra (posição pré-vocálica) e posição intervocálica (meio de sílaba e início de sílaba). Os resultados dessa análise quantitativa são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Realização do fone [r] na palavra *rato*

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENTES	NÃO DESCENDENTES
r-forte	44,4 %	50%
r-tepe	44,4 %	50%
as duas realizações	11,1%	-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

De acordo com os resultados apresentados no Quadro 1, na realização do fone [r] na palavra *rato*, em contexto linguístico de início de palavra, os descendentes de usuários de Hunsrückisch indicaram realizar na mesma proporção a variante r-tepe [r] e as variantes do r-forte [ř, x], da mesma maneira que os informantes não descendentes. Esses resultados comprovam a influência linguística que decorre do contato da Língua Portuguesa Brasileira com o Hunsrückisch nessa comunidade de fala.

É possível determinar essa influência fonético-fonológica, pois no sistema consonantal brasileiro, o r-tepe [r], tipicamente, não se apresenta em início de palavra. Segundo Silva (2015), os contextos típicos do r-tepe [r] no Português Brasileiro são dois: seguindo uma consoante na mesma sílaba (como em *prata*) ou em posição intervocálica (como em *cara*). Em contrapartida, Koch, Altenhofen e Klassmann (2011) indicam a predominância da realização do r-tepe [r], nesse contexto linguístico, nas regiões onde a segunda língua do informante é o alemão [Hunsrückisch] como na cidade de Feliz. Nesse sentido, Monaretto, Quednau e Hora (2014, p. 210) pontuam que, no dialeto do Rio Grande do Sul, “os bilíngues de colonização europeia substituem a vibrante múltipla pela simples em qualquer posição da palavra.”

É importante observar que, nos dados coletados, dois entrevistados indicaram utilizar as duas variantes. Sendo assim, se presume que o uso de uma ou outra variante muda de acordo com o contexto que esses sujeitos se encontram no seu ato de fala: em um contexto familiar, por exemplo, eles tendem a fazer o uso do r-tepe [r], pois se encontram num ambiente onde sua fala não é monitorada e existe um contato maior com o Hunsrückisch. Em contrapartida, o uso das variantes do r-forte pode estar relacionado com situações de fala em contextos mais formais (emprego, lojas, escola) em que o sujeito pressupõe que sua fala está sendo monitorada pelos demais.

Além disso, o entrevistado A2 indicou uma mudança no seu modo de falar: *“Costumava falar com r-fraco, mas me acostumei a falar com r-forte”*.

Essa manifestação indica de forma clara uma mudança de pronúncia que é fruto de uma concepção da maioria que prescreve que a palavra *rato* deve ser pronunciada com r-forte. Nesse sentido, é conveniente observar algumas outras respostas. Na entrevista, após os entrevistados identificarem qual a sua pronúncia em cada palavra, eles foram questionados se achavam melhor uma ou outra maneira de falar. A maioria dos entrevistados não indicou preferência entre as duas variantes, porém seguem alguns exemplos de outros que sinalizaram aspectos interessantes.

A2: *“Pra mim o r-forte fica mais bonito de falar, mas pra mim é mais fácil falar o fraco”*.

A4: *“Sim, é melhor falar com o r-forte, na minha opinião. Acho isso, pois é mais comum e a outra maneira é uma mistura de uma outra língua com o português, o que não parece certo”*.

A7: *“Acho o forte mais correto”*.

A21: *“É melhor falar a palavra rato com R forte porque é mais comum”*.

A34: *“Ambos estão corretos, mas eu prefiro o forte”*.

Aqui, é possível verificar que os entrevistados manifestam uma concepção de monolingüismo da Língua Portuguesa, que considera a existência de uma língua perfeita e que todas as manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são errôneas. Nessa perspectiva, Bagno (2007) pontua:

A ideia de que existem variedades linguísticas mais ‘feias’ ou mais ‘bonitas’, mais ‘certas’ ou mais ‘erradas’, mais ‘ricas’ ou mais ‘pobres’ é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e decorrem das relações de poder e de discriminação que existem em toda sociedade. (BAGNO, 2007, p. 48).

A ideia mencionada pelo autor revela um conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas provenientes da variação linguística nas comunidades. (BAGNO, 2007), já que, às vezes, o uso de determinadas variações linguísticas ocasiona avaliações e julgamentos que se propagam através de preconceitos, discriminações e humilhações.

Dando continuidade à análise, apresenta-se o Quadro 2 que retrata a realização do [r] em posição intervocálica em contexto com “r” ortográfico:

Quadro 2 – Realização do fone [r] na palavra corrida

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENTES	NÃO DESCENDENTES
r-forte	72,2 %	93,7%
r-tepe	22,2 %	6,2%
as duas realizações	5,5%	-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Os dados apresentados no Quadro 2 revelam, de modo geral, a preferência dos entrevistados pelo uso das variáveis do r-forte ao r-tepe em palavras em que essa variante se apresenta em posição intervocálica em um contexto com “r” ortográfico (ou “rr”). É importante observar o contraste em relação à realização do r-forte entre descendentes e não descendentes, já que os descendentes de usuários do Hunsrückisch indicam menor uso do r-forte em relação aos não descendentes, uma vez que o substituem pelo r-tepe.

Segundo Koch, Altenhofen e Klassmann (2011), é bem provável que a realização do r-tepe seja ainda mais constante entre os descendentes de usuários de Hunsrückisch, pois o atlas indica uma ocorrência predominante dessa variante na região.

Outrossim, comparados os valores entre nos quadros 1 e 2, pode-se perceber que os entrevistados parecem ter mais facilidade de pronunciar o r-forte quando ele se encontra em posição intervocálica do que no início da palavra. Segundo Steffen (2013), provavelmente os entrevistados se apoiam na grafia para realizar a pronúncia:

Uma explicação possível é a de que os informantes se apoiam na grafia, considerando que as palavras com r-forte intervocálico se escrevem com r duplo <-rr>, enquanto que, em início de palavra, se utiliza somente um <r->. (STEFFEN, 2013, p. 247).

Nesse contexto, também houve manifestações dos entrevistados quanto à preferência de uso de uma ou outra variante:

A2: *“R-forte pra mim é mais bonito, pra mim o r-fraco é mais fácil.”*

A6: *“Acho mais normal com r-forte.”*

A7: *“Eu acho que os dois estão corretos, mas acho o r-fraco meio estranho.”*

A9: *“Corrida com r-fraco fica mais difícil de entender dependendo do contexto.”*

A partir das manifestações apresentadas acima, é possível verificar um provável apoio dos informantes na grafia para a realização da pronúncia já prevista por Steffen (2013).

Dando continuidade a análise, o Quadro 3 apresenta o último contexto linguístico de realização do fone [r] investigado, o “r” em posição intervocálica no início de sílaba.

Quadro 3 – Realização do fone [r] na palavra cadeira

[R] REALIZADO COMO	DESCENDENTES	NÃO DESCENDENTES
r-forte	33,3 %	31,2%
r-tepe	65,5 %	68,7%
as duas realizações	11,1%	-

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Os dados apresentados no Quadro 3 indicam, de modo geral, que a ocorrência do r-tepe se sobrepõe ao r-forte nesse contexto linguístico. A ocorrência observada é coerente com o que Silva (2015) define como contexto típico do r-tepe: “[...] em posição intervocálica (como em ‘arara, marajá, cara, barata, parada’).” (SILVA, 2015, p. 48). Do mesmo modo, Koch, Altenhofen e Klassmann (2011) também indicam uma ocorrência predominante do r-tepe nesse contexto linguístico na região de Feliz.

A seguir, apresenta-se a análise das entrevistas com os descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch.

5.3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM RELAÇÃO AO R-TEPE /r/ E OS DESCENDENTES DE ALEMÃES FALANTES DO HUNSRÜCKISCH DA COMUNIDADE ESCOLAR DE FELIZ

Na segunda etapa da pesquisa, foram selecionados alguns descendentes de falantes de Hunsrückisch, a partir de suas respostas na etapa anterior. Os entrevistados escolhidos, em algumas respostas, sinalizaram a ocorrência de preconceito linguístico.

Sendo assim, foram entrevistados 10 descendentes de falantes de Hunsrückisch. Em seguida, os dados coletados são apresentados e analisados.

Primeiramente, os entrevistados foram perguntados se achavam que falavam diferente em relação às demais pessoas, ao que responderam:

A33: *“Ah! O meu “r”, eu acho...”*

A4: *“Normalmente o “r”, geralmente eu não falo “rr” (forçando). Eu falo “r”, bem mais fraco.”*

A19: *“O “r”, às vezes...”*

É possível verificar, nas primeiras respostas, que os entrevistados percebem sua fala diferente em relação às demais pessoas, indicando a ‘diferença’ que observam em relação à pronúncia do fone [r].

Cabe aqui fazer um recorte e apresentar a sequência da entrevista com um dos entrevistados.

A19: *O “r”, às vezes...[Resposta da pergunta anterior]*

Pesquisadora (P): *“Às vezes mais forte, às vezes mais fraco?”*

A19: *“Só mais forte às vezes.”*

P: *“Mas você já parou pra pensar assim... Quando você costuma fazer isso?”*

A19: *“Aí tipo: carta, carro.”*

P: *“Existe alguma situação específica em que você costuma falar assim ou não? Por exemplo: quando você vai falar com seu professor. Você cuida mais ou não?”*

A19: *“Não. É que eu me acostumei a falar assim.”*

O presente recorte se faz interessante, pois o aluno aponta despretensiosamente dois contextos de sílaba diferentes e bastante pertinentes quanto a possibilidades de variações: final de sílaba (como em *carta*) e o contexto intervocálico com “r” ortográfico (como em *carro*) estudado anteriormente. De acordo com Silva (2015), o contexto de final de sílaba antes de consoante desvozeada, como é o caso de *carta*, apresenta diferentes realizações no português brasileiro: em Belo Horizonte como [h], no Rio de Janeiro como [x] e no dialeto caipira como [j]. No entanto, segundo Koch, Altenhofen e Klassmann (2011), nesse contexto linguístico, na região de Feliz, há uma predominante preferência pelo uso do r-tepe.

No entanto, quando o aluno pontua “é que me acostumei a falar assim”, ele pode estar indicando a influência do contato linguístico entre o Português e o Hunsrückisch, pois ele parece ter entendido que o “certo” é uso do r-forte, mas, por conta da influência da língua com que convive, utiliza em sua fala o r-tepe. Essa

concepção de que o “certo” seria a pronúncia do r-forte provém do que Bagno (2015) define de ‘pronúncia padrão’:

[...] é aquela resultante de uma síntese das falas das camadas mais letradas das grandes cidades da região Sudeste, depois de eliminados os traços segmentais mais característicos. É a pronúncia que se emprega no Jornal Nacional, da Rede Globo, que é até hoje um dos programas de televisão mais assistidos do país. (BAGNO, 2015, p. 278).¹²

Essa “pronúncia padrão” utilizada pela grande mídia é, geralmente, a referência de “fala correta” para muitas pessoas e, portanto, influência nos comportamentos linguísticos. Ainda sobre essa pronúncia, cabe ressaltar que, segundo Bagno (2015) essa pronúncia padrão possui um “caráter neutro” e não dispõe do [r] simples vibrado em sílaba travada. (BAGNO, 2015).

Em seguida, questionou-se aos entrevistados se eles recordavam alguma situação em que falaram algo e alguém os corrigiu.

A33: *“Uma vez a minha vó corrigiu o meu “r” que eu falava errado “carro”.”*

P: *“Mas como?”*

A33: *“Ela achou que eu devia falar mais forte, tipo “carro” (forçando a pronúncia).”*

A9: *“Sim, sim (rapidamente). Já aconteceram várias vezes... Erro de pronúncia, essas coisas assim.”*

Na resposta apresentada pelo primeiro aluno (A33), há uma situação em que um familiar o corrigiu, pois sua pronúncia estava *errada*. Conforme já mencionado, nesse contexto linguístico, há um apoio na grafia da palavra para realização da sua pronúncia, o que Bagno (2015) sugere ser uma supervalorização da língua escrita em comparação com a língua falada. (BAGNO, 2015).

Já o segundo aluno constata que já houve situações de correção em relação a sua fala e as identifica como “erros de pronúncia”.

No entanto, cabe aqui reconsiderar a concepção de *erro*:

[...] o mito nº 6 (‘O certo é falar assim porque se escreve assim’) expressa a prática milenar de confundir língua em geral com escrita e, mais reduzidamente ainda, com ortografia oficial. A tal ponto que uma elevada porcentagem do que se rotula de ‘erro de português’ é, na verdade, mero desvio da ortografia oficial. (BAGNO, 2015, p. 175).

¹² Tendo em vista que a obra foi publicada pela primeira vez em 1999.

Nessa perspectiva, a ortografia oficial possui caráter político, mas não modifica a sintaxe nem a semântica do que é dito e/ou escrito. É preciso ter cuidado para não confundir “Português com ortografia do Português”. (BAGNO, 2015). Nessa perspectiva, o autor ainda pontua que, do ponto de vista científico, não existem erros de Português, pois:

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticalidade* ou *agramaticalidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. (BAGNO, 2015, p. 176).

Portanto, segundo Bagno (2015), ninguém comete erros em sua língua materna. Não há como dizer que o indivíduo desconhece sua língua materna sendo que ela o acompanha desde o seu nascimento.

No que se refere à língua falada, não é diferente. Nesse âmbito, a noção de erro, segundo Bagno (2015), é rotulada como:

[...] toda e qualquer manifestação linguística (fonética, morfológica e sintática, principalmente) que se diferencie das regras prescritas pela gramática normativa, que se apresenta como codificação da ‘língua culta’, embora na verdade seja a codificação de um padrão idealizado, que não coincide com nenhuma verdadeira variedade urbana de prestígio. (BAGNO, 2015, p. 180).

Nesse sentido, cabe pontuar que a correção apontada pelo aluno é, na verdade, somente uma manifestação linguística fonética que não coincide com o padrão idealizado apontado por Bagno (2015), portanto é notado como erro pelas demais pessoas.

Outro aluno, ao responder ao questionamento sobre correções realizadas por outras pessoas, manifestou o seguinte:

A19: *“Eu já tipo, às vezes, ao invés de falar “carro” [r-forte], eu falo “carro” [r-fraco]. Mas tipo é só porque muita gente fala e eu acabo falando sem querer também, sabe?! Aí eu me corrijo, mas eu não costumo falar assim.”*

P: *“Você acha que por ter contato com pessoas que tão falando assim tu acaba falando também?!”*

A19: *“É, isso aí.”*

P: *“Já te corrigiram por causa disso?”*

A19: *“Várias vezes.”*

É possível perceber que o aluno, em sua fala, pretende se distanciar da ideia de que algumas vezes já pronunciou a palavra *carro* com r-fraco e aponta como influência o convívio com outras pessoas que falam dessa maneira. De fato, a premissa pode ser considerada verdadeira, tendo em vista sua descendência alemã, logo convive com usuários de Hunsrückisch que, por sua vez, possuem como característica o uso do r-tepe em Português nesse contexto linguístico. Segundo Schneiders (2017), é possível que o bilinguismo seja resultado de um contato linguístico. Portanto, nessa perspectiva, é natural que ocorra essa influência e transferência fonética em sua fala.

Posteriormente, os entrevistados foram questionados como se sentiram em relação às correções que lhes foram realizadas.

A33: *“Não. É a opinião dela, mas eu não vou mudar só porque ela falou que meu “r” era errado.”*

A19: *“Sei lá... Não foi alguma coisa: “ai que chato”. Foi até tranquilo.”*

De acordo com as respostas apresentadas, em relação às correções realizadas, não se verifica (felizmente) uma situação de exclusão social por meio do preconceito linguístico. Nesse contexto, as variações linguísticas são apontadas e determinadas, ou seja, há a ocorrência do preconceito linguístico, porém esse (aparentemente) não se consolida. Segundo Bagno (2009), o verdadeiro problema não está em utilizar variação A ou B, mas com o seu “uso social perverso que se faz do domínio desse suposto saber”, ou seja, quando a língua passa a servir para a exclusão social.

Ainda sobre o questionamento em relação ao sentimento de ser corrigido em sua fala, outro aluno respondeu:

A9 (pensativo): *“Não sei... Eu não dou muita bola. Eu valorizo bastante aprender com erros assim, então por conta disso eu não me sinto mal por terem me corrigido.”*

P: *“Mas as correções que te ocorreram... dos casos que tu tá lembrando. Isso te deixou constrangido ou não?”*

A9: *“Um pouco, mas [pausa] é só questão de realmente... eu fiz uma coisa errada, vamos corrigir. Até porque, a maioria das vezes, isso foi em uma conversa direta com outra pessoa assim, não foi falando em público.”*

Segundo as respostas apresentadas, é possível identificar aqui outro cenário em relação ao preconceito linguístico, pois, nesse contexto, o aluno se coloca como

aprendiz em relação ao “erro”: ele não considera que, o que é apontado por outras pessoas, pode ser uma “variação” existente na língua; ao contrário, ele manifesta o desejo “aprender com seu ‘erro’”. Sendo assim, o preconceito linguístico transparece através de uma imagem (negativa) que tem de si mesmo, baseado na crença da existência de uma única forma certa de falar as palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu contribuir com os estudos de Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, abordando a variação no Português de contato com língua de imigração Hunsrückisch. Sendo assim, o estudo ocupou-se de verificar as ocorrências das variáveis fonológicas r-forte [r̥] e [x] e r-tepe [r] do Português falado por descendentes de imigrantes alemães usuários do Hunsrückisch. Além disso, estudou o preconceito linguístico com a variante fonológica r-tepe [r] na fala desses descendentes.

Para tanto, na seção 2 apresentou-se a concepção linguística deste trabalho baseada na Sociolinguística Variacionista, idealizada por Labov, que compreende a língua como elemento inseparável da sociedade, portanto um mecanismo vivo e que deve ser considerado em seu desempenho atual. Depois disso, em relação ao Hunsrückisch, discorreu-se sobre os conceitos de dialeto, variedade e língua de imigração, a fim de compreender a língua-alvo deste trabalho. Dessa forma, concluiu-se que, segundo as concepções teóricas levantadas, o Hunsrückisch é uma língua de imigração por ser proveniente de outro país e de uso minoritário.

Nessa perspectiva, as línguas de imigração são produto de um grande processo migratório que se iniciou em 1824 no Brasil. Sendo assim, apresentou-se o contexto histórico da imigração alemã no Brasil, salientando a região do Vale do Caí onde se situa a cidade de Feliz, a localidade selecionada para esta pesquisa. Nesse contexto histórico, foi possível compreender o interesse da monarquia portuguesa nesses projetos de colonização e a maneira como os imigrantes organizaram-se no Novo Mundo. Durante esse período de imigração, desembarcaram no Brasil imigrantes de diversas regiões da Alemanha, entre eles imigrantes da região de Hunsrück, berço do Hunsrückisch.

O Hunsrückisch, portanto, foi uma das línguas trazidas com maior força pelos alemães de Hunsrück que, durante o processo de imigração, naturalmente, se sobrepôs às outras variedades alemãs, por ser a língua falada pela maioria dos imigrantes. Sendo assim, o Hunsrückisch é uma língua essencialmente falada, classificada em nível *substandard*, que se situa em um contínuo linguístico por constituir-se pelos contatos dos dialetos alemães com o Alemão padrão, o Português e outras línguas de imigração.

Na seção 3, pontuou-se, inicialmente, a respeito da invisibilidade social do preconceito linguístico e sobre a imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo em relação à língua que fala. Posteriormente, destacou-se o preconceito linguístico em relação às variações fonético-fonológicas, já que, na ordem do senso comum, há uma única maneira “certa” de se falar Português. Nesse sentido, no tópico seguinte, abordou-se o preconceito linguístico quanto aos descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch.

O Hunsrückisch, historicamente, já traz consigo um status de “língua misturada” devido à mistura com o Português, ainda mais após os eventos do Estado Novo (1937-1944) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além disso, como estuda este trabalho, há o preconceito linguístico em relação às variações fonéticas-fonológicas na fala dos descendentes alemães usuários do Hunsrückisch que ocorrem, naturalmente, devido à situação de bilinguismo observada. Na fala desses descendentes, constatou-se a ocorrência de uma interferência fonológica especialmente em relação ao fone [r], isto é, a troca dos fonemas r-forte [r̥] e [x] pelo r-tepe [r] em palavras da Língua Portuguesa. Sendo assim, caracterizou-se o fone [r] na Língua Portuguesa e no Hunsrückisch. O fone [r] é uma das consoantes variáveis que possui mais formas na Língua Portuguesa, apresentando diferentes variações de acordo com o contexto fonético e a região em que é realizado. Já o Hunsrückisch, possui apenas a realização do fonema alveolar vozeado (róticos), ou seja, o r-tepe [r].

Na seção 4, explicitaram-se os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa, tais como a escolha e a delimitação da localidade, a seleção dos informantes, bem como a variável linguística estudada.

Na seção 5, procederam-se às análises dos dados coletados. Inicialmente, foram apresentados os entrevistados: 34 alunos que cursam o primeiro ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz. Nessa etapa, verificou-se que a maioria dos entrevistados reside na cidade de Feliz e é descendente de alemães, portanto possui contato ou é usuário do Hunsrückisch.

Posteriormente, quando questionados a respeito do que mais lhe chama atenção na fala de outras pessoas, os alunos apontaram diversos aspectos, entre eles o sotaque do alemão e a pronúncia “estranha” do fone [r] em algumas palavras.

Nesse sentido, realizou-se a descrição do uso da variável de acordo com os dados coletados nas entrevistas. Foram pesquisados e analisados três contextos fonéticos do fone [r]: posição pré-vocálica (início de palavra), posição intervocálica com “r” ortográfico e no início de sílaba. Na realização do fone [r] na palavra ‘rato’, constatou-se a influência linguística do contato da Língua Portuguesa com o Hunsrückisch, pois descendentes e não descendentes indicaram realizar as variáveis na mesma proporção enquanto que nesse contexto fonético, na Língua Portuguesa, não é característica a realização do r-tepe. Já no contexto fonético da palavra ‘corrida’, verificou-se que os entrevistados afirmaram usar menos o r-forte na fala dos descendentes de alemães. Em contraste, nesses contextos, foi possível perceber que há mais afirmações de uso do r-forte em contextos intervocálicos, talvez devido ao apoio na grafia. Em seguida, no contexto fonético da palavra ‘cadeira’, verificou-se que a realização do r-tepe, usualmente, se sobrepõe ao r-forte tanto na fala de descendentes como na de não descendentes, já que não é um contexto de r-forte em Português de monolíngues.

Por fim, foram analisados os dados coletados nas entrevistas a respeito do preconceito linguístico indicado pelos descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch. Nesses dados, foi possível perceber a existência de preconceito linguístico em relação à variável fonológica r-tepe na fala desses descendentes através das situações relatadas: alguns revelaram “correções”, outros estranhamentos de outras pessoas e, também, a imagem (negativa) que possuem de si em relação à língua, já que entendem as suas variações como “erro”.

Ainda assim, cabe pontuar que, durante a análise de dados, verificou-se a possibilidade de pesquisa do fone [r] nos contextos fonéticos de posição pós-vocálica e em grupo consonântico. Sendo assim, essa possibilidade de estudo permanece em relação à realização do fone [r] na fala de descendentes de alemães usuários do Hunsrückisch.

Por último, é preciso ressaltar a importância dos estudos em relação ao preconceito linguístico para que esse problema social seja conhecido e solucionado. Nesse sentido, o presente trabalho visa contribuir com os estudos do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, coordenado pelo Prof. Cléo Vilson Altenhofen, que visa a fomentar e salvaguardar os bens culturais do Estado. Nesse sentido, o presente trabalho contribuiu para esclarecer uma variedade do Português Brasileiro em contato com o Hunsrückisch.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.** Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. **Caderno do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 18, 1998. p. 17-26, 1998.

_____. **O contato entre o Português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch.** Rio de Janeiro: Trarepa, 2003. p. 146-163.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Noroeste**, Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroeste/article/view/>>. Acesso em: 26 jun 2018.

ANSCHAU, F. **Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil.** 2010, 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117599>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

ASSMANN, B. E. S. (Org.) **Feliz: ontem e hoje.** 3. ed. rev. amp. Porto Alegre: Corag, 2009.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** São Paulo: Parábola Editorial, 2001. 184 p.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Norma linguística, hibridismo & tradução.** Traduzires 1 – Maio, 2012.

Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em: 15/10/2018.

_____. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Preconceito linguístico.** Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORELLA, G. G.; ZIMMER, M. C. **A influência do dialeto alemão Hunsrückisch na aquisição da escrita do pb entre participantes bilíngues.** Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Sabrina%20Gewehr%20Borella.pdf>. Acesso em: 26 jun 2018.

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao_compilado.htm>. Acesso em: 26 jun 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Linguística, vol. 8, 1982.
- FREITAG, R. M. K. **Documentação sociolinguística [recurso eletrônico]: coleta de dados e ética em pesquisa**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.
- HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/000921516.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jun 2018.
- ILARI, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- KÄFER, M. L. **O ensino do alemão como LE em contextos bilíngues-Português-Hunrusckisch**. 2010. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26367>>. Acesso em: 26 jun 2018.
- KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARQUES, W. Concepções de língua e linguagem em Chomsky, Benveniste e Labov. In: **Intertexto**, Uberaba, v. 4, n.1, p. 34-51, jan./jul 2011. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/194/215>>. Acesso em: 26 jun 2018.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-14.
- MONARETTO, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; Cláudia BRESCANCINI. (Orgs.) **Fonologia e Variação**. Recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MONARETTO, V. N.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 202-220.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRIŠTIC, Ladislav. **Kristang - Crioulo de Base Portuguesa**. Masarykova Univerzita Filozofická Fakulta. 2010. Disponível em: <<https://is.muni.cz/th/vdl9t/Bakalarka.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2011v8n2p187/21673>>. Acesso em: 26 jun 2018.

SCHMIDT, J. E. Versuch zum Varietätenbegriff. In: LENZ, A. N.; MATTHEIER, K. J. Varietäten. **Theorie und Empirie**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

SCHNEIDERS, M. **Macroanálise pluridimensional da variação de <gurke/kummer> e <pfirsich/pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetidade do Hunsrückisch**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1761/1/SCHNEIDERS.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2018.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: ULBRA, 1994, p. 11-27.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SPINASSÉ, K. P. Contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico. **Revista Linguística: Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3**. n. 13, v. 3. dez. 2017. p. 94-109 Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/16385>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**. História, Linguística & Literatura. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 3, n. 3. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 125 - 140.

_____. O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Revista Espaço Plural**, v. 9, n. 19. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934/1529>>. Acesso em: 20 out 2018.

SPINASSÉ, K. P. et al. O aspecto lexical na língua dos imigrantes alemães no Brasil. In: MARTINEZ, E. E. G. et al. (Org.). **História da imigração: possibilidades e escrita**. São Leopoldo: Oikos, Editora UNISINOS, 2013, p. 334-354.

SCHAUN; D. H. G. et al. **Imigração: do particular ao geral**. Ivoti/Porto Alegre: Instituto Superior de Educação Ivoti/ CORAG, 2009.

STEFFEN, M. Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsqueriano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul. **Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, v. 28, n. 54. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38066>>. Acesso em: 26 jun 2018.

WANDRUSKA, M. **Die Mehrsprachigkeit des Menschen**. München: Piper, 1979.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO – ENSINO MÉDIO

A- Primeiro bloco de perguntas

1. Onde vocês moram? Há quanto tempo moram nesse lugar?
2. Vocês sempre moraram neste lugar? (se não, por que foram morar?)
(se sim, gostam de morar ali?)
3. (se sim) Quem passou a infância no bairro... como foi? Ele mudou muito de lá pra cá?
4. Se tivesse oportunidade, vocês morariam em outro lugar?
5. Seus pais sempre moraram neste lugar? (se sim, eles também gostam de morar neste lugar? Pensam em se mudar?) (se não, por que eles vieram morar aqui?)
6. Seus pais trabalham? Onde? (alguns podem falar sobre a profissão dos pais, local de trabalho, se há deslocamento diário, semanal, etc.)
7. O que você mais gosta de fazer no local onde mora? (festas, atividades de lazer, opções de gastronomia)
8. O que é atrativo para os moradores dessa localidade? (facilidades de transporte, comércio, lazer, educação)
9. O que é desinteressante para os moradores da comunidade?

B - Segundo bloco de perguntas

1. Tem alguma manifestação cultural na sua comunidade que é considerada tradição? Qual? Fale sobre ela. Como é? Quando acontece? Quem participa? Você ou alguém da sua família participa?
2. Falando de comida, tem algum prato de comida que é típico da sua comunidade? E da sua família? (se o informante não souber, será perguntado qual é o prato que a família consome reunida, em domingos ou outras ocasiões especiais?)
3. Este alimento é típico do Rio Grande do Sul? Tem algum prato ou alimento que você considera típico daqui?
4. Você já teve alguma experiência fora do Rio Grande do Sul? (se sim, quais as diferenças e as semelhanças você notou?; se não, Tem vontade de sair? Para onde quer ir? Quais as semelhanças e as

diferenças que você pensa que existem?)

5. O que é ser gaúcho/descendente de alemão? Que características o gaúcho/descendente de alemão tem? O que o diferencia do restante do Brasil?
6. Você percebe se uma pessoa é daqui ou não? (se sim, quais os traços ou comportamentos que você percebe como diferentes?)

C - Terceiro bloco de perguntas (individual)

1. De qual dos sotaques do Brasil você mais gosta? Por quê?
2. Qual o sotaque que mais te irrita?
3. E dentro do Rio Grande do Sul, você acha que as pessoas tem sotaque? (se sim) Você pode dizer quais as diferenças que você percebe?
4. Quando você conversa com alguém você presta atenção no jeito que a pessoa fala? Por quê?
5. Há alguma coisa na fala das pessoas que te chama atenção de forma especial?
6. Como você acha que fala mais a palavra rato? [r]ato ou [r̃]ato?
7. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?
8. Como você acha que fala mais a palavra corrida? Co[r̃]ida ou co[r]ida?
9. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?
10. Como você acha que fala mais a palavra cadeira? Cadei[r̃]a ou cadei[r]a?
11. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?

APÊNDICE B – DADOS COLETADOS NO IFRS – CAMPUS FELIZ – ENSINO MÉDIO

B- Primeiro bloco de perguntas

10. Onde vocês moram? Há quanto tempo moram nesse lugar?	
A1	Vale Real, 16 anos.
A2	Eu moro em Feliz, mais ou menos 15 anos.
A3	Bom Princípio, 14 anos – Arroio das Pedras.
A4	Feliz, mais ou menos 6 meses.
A5	Bom Princípio, 16 anos.
A6	Moro na cidade de Feliz, desde que nasci, 15 anos.
A7	Feliz, 8 anos.
A8	
A9	Bom Princípio, 15 anos.
A10	Moro em Feliz desde que nasci.
A11	Em Bom Princípio a quase 15 anos.
A12	Feliz, 11 anos.
A13	Eu moro no Bom Fim Baixo, Bom Princípio. Eu moro ali desde que nasci.
A14	Moro em Feliz, há 4 anos.
A15	Moro na Feliz, desde que nasci, uns 15 anos.
A16	Feliz, vai fazer 17 anos.
A17	Eu moro no interior da Feliz, no São Roque, e moro lá desde que nasci, então, 15 anos.
A18	Em uma casa, São Sebastião do Caí, moro lá desde que nasci.
A19	Moro em São Sebastião do Caí, bairro Quilombo e moro lá desde que nasci.
A20	Eu moro em São Sebastião do Caí, bairro Vila Rica. Moro faz 16 anos, na minha cidade, mas com intervalos em que morei em outra cidade.
A21	Eu moro na Feliz, bairro Vila Rica. Moro aqui desde que nasci, 15 anos.
A22	Eu moro em São Sebastião do Caí, desde que eu nasci, 15 anos.
A23	Eu moro desde que nasci na cidade de Feliz, no Centro.
A24	Feliz, moro há 17 anos.
A25	Eu moro na cidade de Feliz há 16 anos.
A26	Bairro Vila Rica, São Sebastião do Caí. Vivo lá desde que nasci, 15 anos.
A27	Eu moro em Portão, no bairro Portão Velho e moro lá a vida toda.
A28	Vale Real, Arroio do Ouro, desde que nasci.
A29	Moro em São Sebastião do Caí, no bairro Centro. Sempre morei lá, mas nasci em POA.
A30	Alto Feliz no interior, 15 anos.
A31	Moro em Feliz, bairro Picão.
A32	Eu moro na localidade de Forqueta Baixa, Vale Real. Moro lá desde que nasci.
A33	São Vendelino, sempre morei em São Vendelino.
A34	Eu moro em São Sebastião do Caí no bairro Vila Rica, na mesma casa desde que nasci. Mas nasci em Porto Alegre.

C- Segundo bloco de perguntas

	7. O que é ser gaúcho/descendente de alemão? Que características o gaúcho/descendente de alemão tem? O que o diferencia do restante do Brasil?
A1	Ser gaúcho é acordar cedo fazer um chimarrão começar o churrasco e assistir o time do coração.
A2	Sou gaúcho e descendente de alemão por parte de pai e por parte de mãe, para mim a única coisa que afeta é que as vezes meus pais falam alemão.
A3	Sou gaúcha e descendente de alemães por parte de mãe. Costumo tomar mate e comer churrasco, da cultura gauchesca e falo alemão, da cultura alemã.
A4	Sou descendente de alemão por parte de pai. Os costumes são tomar chimarrão, comer churrasco, cuca, etc.
A5	Eu nasci no RS e tenho descendência alemã. Temos o costume de comer churrasco aos domingos e tomar chimarrão diariamente, e por parte alemã comer cuca, misturar comida doce com salgada.
A6	Um das características gaúchas são o churrasco, o chimarrão, o uso do "tu" no lugar de "você" e a característica de descendente italiano tem haver com massas, gostar de gesticular enquanto fala.
A7	Sou gaúcho e sou descendente de italianos.
A8	Sou gaúcho e tenho descendência italiana.
A9	Descendência alemã; falar alemão de casa, comemorar o dia do kerb.
A10	Sou gaúcho e sou descendente de alemães.
A11	Sou gaúcho e descendente de italiano. Ser gaúcho é ter costumes de gaúcho, como, tomar chimarrão, comer churrasco, etc. Os italianos geralmente gostam ou comem polenta, massa e muitos geralmente gostam de carne de ovelha.
A12	Nasci no RS, porém tenho avós descendentes da Rússia e da Solônia, e avós descendentes da Alemanha. Bom, ser descendente desses países, minha família tem costumes bem diferentes do resto do Brasil, como idioma (visto que aprendi o alemão antes do português) e costumes culinários.
A13	Eu sou gaúcho e sou descendente de alemão. Gosto de ser gaúcho e descendente de alemão porque gosto das comidas típicas e das tradições.
A14	Nasce no Rio Grande do Sul e sou descendente de alemão, ser gaúcho na minha família é seguir certas tradições como CTG, tomar chimarrão, churrasco entre outros.
A15	Sou gaúcha e descendente de alemães, mas não sei se minha é italiana. Fala diferente, comer churrasco aos domingos.
A16	Sou gaúcha e descendente de alemão, temos costume de tomar chimarrão e comer churrasco, e costume comer bergamota, calça virada, pão com geleia e nata e cuca com linguiça.
A17	Para mim, ser gaúcha é ter todo domingo churrasco com a família, chimarrão todos os dias, seja de manhã ou de tarde e torcer pra time do coração e ter aquela rivalidade com o outro time, e também ter o maior clássico do Brasil, o Grenal!

A18	Nascer no território do RS, amar frio, gostar de churrasco e as características que eu tenho da minha descendência é que sou loira, e gosto de comidas típicas da Alemanha.
A19	Costumam comer churrasco, sou descendente de alemão por parte de mãe, não tenho um costume diferente por causa disso, mas aos domingos se fala alemão lá na minha vó.
A20	Já me disseram que meu sobrenome tem origem portuguesa e meu pai me disse que tenho familiares italianos, mas não tenho nenhuma influência dessas culturas. Ser gaúcho para mim, é no lugar de falar “você” falar “tu”.
A21	Sim, o gaúcho costuma tomar chimarrão, comer churrasco, comer bergamota no sol, reunir a família no domingo, gaúcho gosta de CTG. Sou descendente de família francesa.
A22	Uma das principais características dos gaúchos pelo meu ponto de vista além do jeito de fala, as comidas é que é um povo mais acolhidas e simpático.
A23	O gaúcho já é bem mais acostumado com o frio sempre bem trajado, digo, com uma cultura enorme na dança, representada geralmente pelo CTG.
A24	Tenho descendência de Alemão, Italiano e brasileiro. Mas como eu vivo em uma parte do RS que foi colonizada por alemães tenho o costume do “r”.
A25	Fazer churrasco, tomar chimarrão, sotaque.
A26	Churrasco, chimarrão, rodeios e usar trajes típicos são alguns dos principais costumes gaúchos, mas a minha família, parte alemã, parte italiana, não segue esses hábitos com muita força.
A27	As principais diferenças são a linguagem, os trajes, a temperatura daqui, a música, por mas que algumas pessoas não seguem os costumes em si ainda há muita influência até em pessoas de diversas descendências.
A28	Acolhedores, gostam de mate/chimarrão, fogão a lenha, pinhão, almoço de domingo com a família. Descendentes de italiano e belgo.
A29	Gaúchos mais raízes normalmente tomam muito chimarrão e usam roupas típicas. Já eu não me identifico muito com isso. Sou de descendência alemã e nunca reparei em algo que me caracterize como descendente de alemão sem ser meu sobrenome.
A30	Viver no RS, comer churrasco, tomar chimarrão, seguir as tradições, ter orgulho de viver no estado. Acho que os alemães e italianos aderiram bem o modo de vida no RS e podem ser considerados gaúchos.
A31	Ser gaúcho pra mim, é ter uma tradição e seguir ela, que nem o chimarrão é tomado todo o dia, já em outros estados tem pessoas que nunca tomaram chimarrão e nem sabem o que é.
A32	Ser gaúcho é mais que nascer no RS, é matear, é usar bombacha, comer churrasco, andar a cavalo, lagartear no sol e comer bergamota no inverno. Tenho descendência italiana e com isso tenho palavras do dialeto que as vezes misturo com o português.
A33	Sim nasci no RS e minha família é descendente de alemão por parte de mãe e italiano por parte de pai. Pra mim ser gaúcho é só porque nasci aqui.
A34	Minha família tem descendência alemã e portuguesa, mas acredito que os costumes que temos são da maioria alemã, já que é a descendência

	da maioria. Pra mim a diferença dos gaúchos para os demais é o conhecimento da sua cultura já que a maior parte do resto da população não sabe nem o hino do seu estado por exemplo.
--	--

	8. Você percebe se uma pessoa é daqui ou não? (se sim, quais os traços ou comportamentos que você percebe como diferentes?)
A1	O sotaque da pessoa é o que mais eu percebo quando a pessoa não é da cidade.
A2	Sim, pois a cidade é tão pequena que você já viu todo mundo pelo menos uma vez, da pra perceber pelo idioma e pela aparência.
A3	Percebo. Normalmente pelo jeito de falar da pessoa.
A4	Se uma pessoa é de outro país é fácil notar as diferenças pelo jeito de se vestir, de se comportar, aparência básica, etc.
A5	Sim, pelo modo dela falar e seu jeito.
A6	Pelo sotaque, pelo gosto culinário.
A7	Pelas roupas.
A8	-
A9	Muito pela fala e pronúncia das palavras, não sei, é só diferente.
A10	Sim, sotaque, roupa, idioma.
A11	Sim, pelo jeito que a pessoa fala.
A12	Sim, visto que aqui a cidade é pequena e que aqui quase todas as pessoas são descendentes da Alemanha e pessoas que não são daqui se destacam por não saber falar alemão, não ter os mesmos costumes culinários e sotaque.
A13	Quando percebo que uma pessoa não é da região, eu consigo notar os traços físicos e o jeito de falar.
A14	Geralmente sim consigo perceber pelo modo que ela fala.
A15	Se você tiver no trânsito sim, mas se for na cidade falando ou caminhando não.
A16	Eu consigo identificar, pois não fala o mesmo idioma que os brasileiros.
A17	Sim, consigo diferenciar, pois nos costumes, do jeito de falar, agir e de se vestir.
A18	Dá pra perceber pelo jeito da fala da pessoa e se ela estiver com frio com a temperatura de 12º.
A19	Geralmente sim, o jeito dela ser, as coisas ou esta toda perdida e os costumes também(jeito de falar, roupa, etc.)
A20	Normalmente, pelo modo de falar ou vestir.
A21	Consigo perceber se a pessoa não é daqui quando ela se veste diferente, fala diferente e tem hábitos diferentes dos nossos.
A22	Sim, quando ela conversa comigo da pra perceber pelo jeito de falar.
A23	Sim, pelo jeito de se vestir e pelo sotaque.
A24	Sim, consigo perceber, pois a pessoa de fora tem um olhar de curiosidade.
A25	Eu identifico pelo jeito de falar.
A26	Sim. Podemos perceber pela fala, pelas roupas, pelo sotaque, pelos gestos.
A27	Não consigo perceber quando a pessoa não é da minha cidade.
A28	Sim, pois a cidade pequena e todos se conhecem.
A29	Consigo perceber se uma pessoa não é do nosso estado pelo sotaque,

	mas não vejo diferença em cidades próximas.
A30	Roupas, modo de falar, gírias, tom de voz.
A31	Sim, pelo sotaque, jeito de se vestir, o modo que ela fala, ex: cada região tem gírias diferentes. Mas muitas pessoas não dá pra reconhecer.
A32	Depende da pessoa dá pra notar, pelo fato da fala ser diferente, do modo de se vestir e o modo de agir.
A33	Sim consigo perceber porque praticamente conheço todo mundo em São Vendelino e também pela cara dela de assustada pensando como chegou ali.
A34	O sotaque, o vocabulário, roupas...

C - Terceiro bloco de perguntas

	1. E dentro do Rio Grande do Sul, você acha que as pessoas tem sotaque? (se sim) Você pode dizer quais as diferenças que você percebe?
A1	Sim temos sotaques.
A2	Sim, acho que existe uma diferença por causa dos alemães e italianos que vieram pra cá.
A3	Sim. Entre pessoas descendentes de alemães e italianos, por exemplo.
A4	<i>Sim. Tem uns que tem sotaque de colono.</i>
A5	Sim, sílabas tônicas faladas mais forte, alongar palavras no final da frase, gírias : “bah” “tchê” “tri”
A6	Sim, uma das principais coisas é usar o tu no lugar de você.
A7	<i>Aqui na região é misturado com o alemão. Geralmente o “r” soa de forma diferente.</i>
A8	Os tipos de sotaque que eu mais percebo é o gaúcho, o alemão e o italiano.
A9	Sim, muda muito de sotaques como o alemão para italiano, por exemplo.
A10	Sim, o diferencial é o modo de falar e as palavras utilizadas.
A11	Sim, no RS o sotaque é diferente do carioca, por exemplo, que tem o “s” parecido com “x”
A12	Sim, eu acho muito legal essa diversidade linguística e percebo que além do sotaque gaúcho, também existe bastante sotaque alemão e italiano.
A13	Sim, consigo perceber no jeito de falar e até em sua cultura.
A14	Sim, aqui na região, prevalece o sotaque alemão.
A15	Sim, a pronúncia mais forte e perceptível de algumas letras.
A16	Sim, alemão, pois tem uma fala mais forte.
A17	Sim, pois dependendo da região, o sotaque varia, e também tem o sotaque do alemão, que muda. Também tem gente que acaba misturando os dois.
A18	Apenas o sotaque do “tchê” mesmo. Não percebo muita diferença.
A19	Sim, existem o sotaque alemão, italiano e o bem gaúcho.
A20	Sim, nem todo o Rio Grande do Sul fala do mesmo jeito, como acredito que muitas pessoas de outros estados pensam. Quem mora em Porto Alegre, por exemplo, acho que fala coisas como: “bah, tchê”, “guria”, etc.
A21	<i>Sim, as pessoas que moram em lugares de zona rural puxam mais a letra “r” e a letra “l” nas palavras, diferente das pessoas que vivem em</i>

	<i>zona urbana.</i>
A22	Sim, tem muitas diferenças com diversas regiões por exemplo na região de Santa Maria as pessoas puxam mais o “e” em comparação de onde eu moro
A23	Sim, há vários sotaques, cada um com um jeito de falar diferente.
A24	Sim.
A25	Sim, um alemão, gaúcho.
A26	<i>A diferença que mais percebo é quanto às pessoas com um sotaque “alemão” que pronunciam algumas palavras de forma diferente.</i>
A27	Sei que existem vários sotaques no nosso estado mas não consigo descrever as diferenças.
A28	Sim, de quem mora no interior, de quem mora numa cidade grande, de quem é estrangeiro.
A29	<i>Dentro do nosso estado existem vários sotaques. A principal diferença está na pronúncia do “r” e no “o” no fim das palavras.</i>
A30	Tem o alemão e o italiano que muda levemente o som de algumas letras.
A31	Pode ter maneiras diferentes, por causa da imigração.
A32	Sim, existe diferentes sotaques, entre eles italiano e alemão, e o gaúcho é diferente entre as pessoas, isto é, há pessoas que tem sotaque gaúcho diferente de outras.
A33	<i>Sim existem por exemplo eu falo carro com r forte e tem gente que fala “caho”</i>
A34	<i>Sim, o sotaque com influência alemã, para o sotaque com influência italiana, para o sotaque com influência portuguesa... como pessoas que pronunciam “caro” ao contrário de “carro”</i>

2. Quando você conversa com alguém você presta atenção no jeito que a pessoa fala? Por quê?	
A1	Não com pessoas conhecidas, só com pessoas estranhas.
A2	Não, eu não reparo, acho que todos os sotaques são normais, exceto o sotaque do nordeste que me incomoda um pouco.
A3	Não, geralmente. Mas se é muito diferente sim.
A4	Não.
A5	Não. Mas se é muito diferente sim (por exemplo, se a pessoa é de outro lugar)
A6	Só presto atenção se for uma coisa muito diferente.
A7	Não muito.
A8	Sim, eu reparo e presto atenção na forma ou sotaque das pessoas mas sem motivos aparentes.
A9	Em geral percebo, mas não presto muita atenção.
A10	Sim, porque é diferente do jeito que as pessoas falam por aqui.
A11	Sim, mas não muito.
A12	Sim, porque estamos acostumados com todo mundo da região falar praticamente igual.
A13	Percebo se o sotaque for diferente do comum.
A14	Sim, até demais eu acho. Percebo nas primeiras conversas e depois paro de analisar.
A15	Depende, só se tiver muito, mas muito perceptível.

A16	Não, estou acostumada com vários sotaques.
A17	Não, eu não presto atenção se a Mayara tá trabalhando.
A18	Não presto muita atenção no jeito da fala, apenas quando é muito rápido e não dá pra entender ou muito lento e dá agonia.
A19	Mais ou menos, se eu for alguma diferença do modo de falar sim.
A20	Sim, mas normalmente é só quando a pessoa fala diferente das pessoas com quem eu estou acostumado a conversar. As vezes, noto um ou outro erro de português, mas isso até eu tenho, mesmo estudando e estando ciente deles, então...
A21	Sim, porque eu acho que já é um costume que eu tenho.
A22	Não, pois eu acho um negócio muito automático para mim, se percebo quando é um sotaque muito diferente das que estou acostumado a ouvir.
A23	Ela fala muito ligeiro.
A24	Sim, eu presto atenção de como a pessoa fala, porque eu não estou acostumado a falar com pessoas que falam com outro sotaque.
A25	Sim, para saber se ela esta falando sério ou brincando.
A26	Observo o jeito de falar das pessoas, mas conforme converso mais vezes com alguém, fico mais acostumado com o sotaque e com os gestos da pessoa.
A27	Não presto atenção no jeito que as pessoas falam.
A28	Geralmente não.
A29	Sim, presto muita atenção na velocidade da fala e no sotaque, sem motivo.
A30	Sim, se ela fala de um jeito mais semelhante a mim eu simpatizo mais.
A31	No jeito e na expressão, não crítico ninguém, mas percebo várias maneiras de falar.
A32	<i>Depende, as vezes presto atenção no “R” e no “S” que é diferente ou quando a pessoa tem língua presa.</i>
A33	Eu não presto atenção porque cada um fala do jeito que é melhor pra ela.
A34	Sim, percebo se ela tem uma voz mais fina ou mais grossa. Quanto ao sotaque, o do meu estado nem percebo, só me chama atenção se for de outro estado.

3. Há alguma coisa na fala das pessoas que te chama atenção de forma especial?	
A1	A velocidade da fala e os sotaques.
A2	O sotaque em Portugal parece que estão com uma bola de ping pong na garganta.
A3	Palavras faladas de maneira errada, por exemplo: “seje”
A4	Jeito de falar, palavras diferentes do que eu conheço, por exemplo usar mexerica para bergamota.
A5	Palavras faladas de formas diferentes: mexerica, tangerina, pão francês.
A6	<i>Usar o tu no lugar de você, pronunciar um r no lugar de rr, falar palavras como mexerica e tangerina no lugar de bergamota.</i>
A7	Me chama atenção quando a pessoa fala muito rápido.
A8	Existe formas de falar diferentes para um mesmo sotaque como o alemão agressivo ou calmo.

A9	A única coisa que me chama atenção e me incomoda bastante é falar palavras erradas “trazi” “tauba”
A10	Sim, o jeito de falar, a velocidade, o vocabulário
A11	Sim, a velocidade e o tom de voz da pessoa
A12	O que mais me chama atenção quando as pessoas falam palavras erradas com sotaques diferentes.
A13	As formas de falar diferentes do mesmo sotaque me chamam atenção.
A14	Sim, pessoas que falam português de Portugal, ela tem um tom, um palco vocal um pouco maior que o normal.
A15	Não sei, mais quando a pessoa fala errado.
A16	Sim, falar mais alto.
A17	Não, eu a escuto mas não presto atenção no jeito ou algo que possa me chamar atenção na fala.
A18	Quando falam “mais” no lugar de “mas”, “nois” no lugar de nós e escrever “agente” pro lugar de a gente.
A19	<i>O “r” alemão eu percebo bastante, mas acho tudo certo.</i>
A20	Normalmente, o que mais me atrai, ou interessa, é observar alguém falando melhor do que eu. Assim, posso melhorar meu modo de falar e enriquecer meu vocabulário.
A21	<i>Me chama atenção quando a pessoa fala muito alto, puxa algumas letras como “r” e o “l”</i>
A22	O que me chama atenção a maioria das vezes são as gírias que eu não conheço.
A23	A pessoa fala uma palavra diferente do modo que eu falo mas eu não considero errado.
A24	Sobre como a pessoa formula a frase.
A25	Não
A26	O que eu mais percebo é quando a pessoa repete uma palavra, como se fosse um vício.
A27	<i>O que mais chama atenção é a pronúncia do R.</i>
A28	As palavras faladas erradas, sem concordância verbal, quando falam “trusse”
A29	Sim o sotaque com o “r” forte e quando falam “de a pé” ou coisas do tipo.
A30	Gírias e as palavras que ela usa para se expressar.
A31	Não.
A32	Chama atenção pessoas que falam “trusse” “onti..” ao invés de trouxe e ontem.
A33	Chama atenção quando alguém fala “r” fraco quando a palavra tem dois “r”
A34	<i>Gírias, timbre de voz e sotaque. “caro” ao contrário de “carro”</i>

6. Como você acha que fala mais a palavra rato? [r]ato ou [r̃]ato?	
A1	Rato com r fraco
A2	<i>Costumava falar com r fraco mas me acostumei a falar com forte.</i>
A3	Rato – forte
A4	Rato – forte
A5	Rato – forte
A6	Rato – forte

A7	Pra mim, eu falo com r fraco.
A8	Pra mim, eu falo com r fraco.
A9	Rato – forte
A10	Rato – r fraco
A11	Eu falo a palavra rato com o r mais forte.
A12	Costumo falar um pouco dos dois tipos de r.
A13	Rato: eu falo com r fraco
A14	Eu costumo falar com r fraco, mesmo sendo descendente.
A15	Eu falo o forte e também falo o fraco.
A16	Fraco
A17	Eu falo na maioria das vezes os dois, são muito um nem o outro. Eu falo a palavra rato com o r mais forte.
A18	Rato – r fraco
A19	Rato eu falo com r forte.
A20	Com r forte.
A21	Eu falo o r com r forte
A22	Na palavra rato eu pronuncio o r mais forte.
A23	Eu falo com o r fraco.
A24	R forte
A25	R forte
A26	R fraco
A27	Rato com r fraco
A28	Fraco
A29	Rato – com r fraco
A30	R forte
A31	R fraco
A32	Com r tepe
A33	R tepe
A34	R forte

7. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?	
A1	Sim, pois o r de fraco não precisa forçar para falar.
A2	<i>Pra mim o R forte fica mais “bonito” de falar mas para mim é mais fácil falar o fraco.</i>
A3	Não.
A4	<i>Sim, é melhor falar com o r forte, na minha opinião. Acho isso, pois é mais comum e a outra maneira é uma mistura de uma outra língua com o português, o que não parece certo.</i>
A5	Não.
A6	Sou mais acostumada com o forte, mas não acho um melhor.
A7	<i>Acho o forte mais correto.</i>
A8	É “vantajoso” em certas palavras ou frases no sentido da frase, podemos falar o “r” fraco para uma frase afirmativa e o “r” forte para a exclamativa.
A9	Acho que tanto faz, contanto que seja compreensível.
A10	Não, acho que os dois estão certos.
A11	Sim, eu acho que o mais fraco é difícil e mais fácil de se atrapalhar na pronúncia da palavra.
A12	Não, pra mim todos os tipos são iguais.

A13	<i>Falar com r forte é mais fácil de falar com r fraco, para as pessoas com sotaque alemão.</i>
A14	Particularmente não, pois entendo a questão do costume e do jeito de falar das pessoas que usam o r forte.
A15	Não, tanto faz.
A16	Não.
A17	Não, pois os dois jeitos estão totalmente corretos, e para mim, não faz diferença se alguém pronuncia um e outra pronuncia da outra forma.
A18	Qualquer r esta certo.
A19	Os dois são igualmente corretos.
A20	Não acho que um é melhor que o outro , mas para o falante é ruim a parte de bullying.
A21	<i>É melhor falar a palavra rato com R forte porque é mais comum.</i>
A22	Não acho que um é melhor que o outro.
A23	Eu acho que o jeito que eu falo é melhor pois força menos a voz e soa um som mais natural.
A24	R fraco
A25	R fraco
A26	O fraco é mais fácil
A27	Acho que o r fraco é melhor por o r forte parece ser mais para palavras com 2 “rr”.
A28	Fraco, menos esforço.
A29	Acho que o jeito que eu falo (fraco) é melhor para falar.
A30	Não.
A31	Melhor com o fraco porque não forço.
A32	Acho que nenhum é melhor, pois cada um tem um jeito de falar.
A33	Tanto faz, cada um fala de uma maneira.
A34	<i>Ambos estão corretos, mas eu prefiro o forte.</i>

8. Como você acha que fala mais a palavra corrida? Co[ɾ]ida ou co[r]ida?	
A1	Corrida com r fraco.
A2	Falo com r forte
A3	Corrida – forte
A4	Corrida - forte
A5	Corrida – forte
A6	Corrida – falo com r forte
A7	Com o r forte
A8	Eu falo corrida com r forte
A9	Corrida – r forte
A10	Corrida – r forte
A11	Com r forte
A12	R forte
A13	Eu falo com r fraco
A14	R fraco
A15	Depende, eu falo com r forte e com r fraco
A16	Forte
A17	Eu falo a palavra corrida com r mais forte
A18	R forte

A19	Corrida com r forte
A20	Com R forte
A21	Eu falo com R forte
A22	Eu falo a palavra corrida com r forte
A23	Com r forte
A24	Corrida com r forte
A25	R forte
A26	Corrida – R forte
A27	Corrida com r forte
A28	Forte
A29	Com r fraco
A30	R forte
A31	R forte
A32	Com r forte
A33	R fraco
A34	R – forte

9. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?	
A1	Sim, pois o r fraco não precisa forçar a voz mais os dois estão corretos.
A2	R forte pra mim é mais bonito para mim o R fraco é mais fácil.
A3	Não tem diferença alguma.
A4	Sim, pelo mesmo motivo de antes. (mistura – não parece certo)
A5	Não.
A6	<i>Acho mais normal com r forte.</i>
A7	<i>Eu acho que os dois estão corretos, mas acho o r fraco meio estranho.</i>
A8	Não, pois cada um tem seu jeito de falar contanto que seja possível entender.
A9	<i>Corrida (com r fraco) fica mais difícil de entender dependendo do contexto.</i>
A10	Não, acho que os dois estão corretos.
A11	Sim, mesmo motivo da 7.
A12	Não, pra mim é indiferente.
A13	Não.
A14	Não.
A15	Não, tanto faz.
A16	Não.
A17	Não, pra mim é a mesma coisa que na questão 7.
A18	Os dois estão certos.
A19	Os dois são corretos.
A20	Não.
A21	<i>Corrida com R forte é melhor, não é tão estranho.</i>
A22	Não, pra mim os dois são corretos.
A23	Os dois estão certos.
A24	<i>Corrida, com r forte. Os dois jeitos são iguais.</i>
A25	<i>O forte é mais correto.</i>

A26	O forte é mais próximo da minha pronúncia.
A27	<i>Acho o r mais forte é melhor.</i>
A28	Não.
A29	Acho que todos estão corretos, mas é melhor falar com r fraco.
A30	Não.
A31	<i>Sim, corrida com r forte é melhor.</i>
A32	Acho que nenhum é melhor, pois cada um tem um jeito.
A33	Mesma que a 7ª pergunta.
A34	<i>Ambos estão corretos, mas eu prefiro o forte.</i>

10. Como você acha que fala mais a palavra cadeira? Cadei[r̃]a ou cadei[r]a?	
A1	Com r fraco
A2	Com r fraco
A3	Cadeira – forte
A4	Cadeira – fraco
A5	Cadeira – fraco
A6	Cadeira – com r forte
A7	Com r fraco
A8	Eu falo com r fraco
A9	Os dois
A10	Com r fraco
A11	Com r fraco
A12	Com r fraco
A13	Cadeira – eu falo com r forte
A14	Com r fraco
A15	Os dois
A16	Com r fraco
A17	Eu falo cadeira com r mais forte
A18	Com r forte
A19	Com r fraco
A20	Eu costumo falar com r fraco
A21	Cadeira com r fraco
A22	Cadeira com r forte
A23	Eu acho que com r fraco
A24	R forte
A25	Com r fraco
A26	R fraco
A27	r forte
A28	R fraco
A29	Eu falo com forte
A30	Com r forte
A31	R fraco

A32	R forte
A33	Com r fraco
A34	R forte

11. Você acha que um é melhor do que o outro para falar? Se sim, por quê?	
A1	Os dois.
A2	Acho que os dois estão certos.
A3	Não.
A4	Não.
A5	Tanto faz.
A6	Não.
A7	Não.
A8	Não.
A9	Acho que não tem problema falar os dois.
A10	Não.
A11	Não.
A12	Acho que os dois estão certos.
A13	Não.
A14	Não.
A15	Os dois.
A16	Não.
A17	Não.
A18	Tanto faz.
A19	Não.
A20	Não.
A21	Não.
A22	Acho que os dois estão corretos.
A23	Tanto faz qual dos dois.
A24	Não.
A25	Não.
A26	Tanto um quanto o outro acho que estão certos.
A27	Tanto faz.
A28	Não.
A29	Os dois são corretos.
A30	Não.
A31	Tanto faz.
A32	Não.
A33	Acho que dá pra falar os dois.
A34	Não.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA RECORDING 1

Pesquisadora (P): Vocês, cada um de vocês, acham que em algum aspecto vocês falam diferente de outras pessoas? Vocês acham que vocês falam diferente?

A1: Ah! O meu “r”, eu acho.

A2: É o que a gente comenta...

P: O “r” então...

A3: Segundo ele, ele também tem o “l” errado...

A1: Não é errado, é diferente.

P: E seria só isso? Teria mais alguma coisa... Não?

A1: É que como é mais da região, né?! Não tem muita diferença...

P: E outro aspecto assim... vamos pensar: ah! Eu falo essa palavra assim...

A2: O que eu percebo é o acento, tipo de falar acentuado... mas daí também é uma coisa que acostuma, todo mundo fala assim.

P: De digamos assim falar acentuado?!

A2: é, sim... tipo de falar a palavra com o acento no lugar errado.

P: Mas por exemplo, vocês já falaram alguma coisa “errada” e alguém te corrigiu?

A1: Acho que não...

Alunos: A gente te corrige bastante...

A1: Ah! Eu falo, às vezes, “trusse” daí a gente corrige.

P: Vocês lembram de alguma situação... não precisa ser aqui. Sei lá, tá conversando com alguém e que alguém pegou e corrigiu vocês. De vocês estarem falando e a pessoa interromper e dizer: não! Assim tá errado.

A33: Uma vez a minha vó corrigiu o meu “r” que eu falava errado “carro”.

P: Mas como?

A33: Ela achou que eu devia falar mais forte, tipo “carro” (forçando a pronúncia)

A2: Eu acho que é mais palavras que a gente nota, por exemplo, o “trusse”

P: Na verdade é automático, a gente quando esta falando não para e pensa: Ah! Vou falar assim...

A1: é... a gente quase não ouve “eu trouxe”

P: Quando alguém te corrigiu, por exemplo, a tua vó, como tu te sente em relação a isso? Isso te incomodou?

A1: Não. É a opinião dela, mas eu não vou mudar só porque ela falou que meu “r” era errado.

P: Tu até ouve, mas não dá bola digamos assim...

A1: é, eu vou continuar falando normal.

P: E se alguém corrige vocês... Vocês acham que isso atrapalha?

A3: é que depende de como a pessoa vai corrigir...

A4: é...

Aluno 1: Se a pessoa vai ser grossa...

Aluno 4: é ser grossa enquanto ela tá tentando te ajudar.

P: Mas não fica assim uma situação?

A3: é... fica.

A2: Eu posso até tentar me policiar, mas no fim eu vou continuar falando do meu jeito.

P: E voltando a situação que a tua vó te corrigiu: Isso te deixou constrangido na hora ou não?!

A1: Eu fiquei tipo assim: Tá porque é que tu me falou isso, tipo... meio estranho, né?! Porque é que o meu “r” tá fazendo diferença..

P: Há alguém que vocês conhecem/convivem que já virou motivo de chacota, de deboche porque pelo jeito de falar ?

A2: Não é que não é na maldade..

A1: Não é que assim: lá onde eu moro a maioria das pessoas falam que nem eu, então muito pouco falam carro (r-forte), todo mundo fala tipo carro com r-fraco. Então quando alguém fala com r-forte a gente ri mas não de ofensa, de amigo assim.

A5: Isso acontece lá em Harmonia. Tipo quando alguém vem e fala carro com r-forte as pessoas estranham. Todo mundo se olha assim...

A1: Ou, ás vezes, até falam... tipo comentam que o sotaque é diferente.

P: Tu acha que o preconceito linguístico te atrapalha na tua comunicação com as outras pessoas? Se sim, por quê?

A2: Eu fazia aulas com meninas de Bom Princípio, de São Sebastião do Caí... eu acho que a gente só começa a perceber quando tu se depara com essa diferença e percebe as outras pessoas.

A1: é que nem passa na tua cabeça... tipo. Quando que tu vai viajar que tu sente muita diferença;

A4: Mas depende de pessoa... tem gente que não liga se atrapalha ou não. Continua.

RECORDING 2

Pesquisadora (P): Você acha que você fala diferente em relação às demais pessoas?

A2: Ah! Eu puxo bastante o “e” no final das palavras, tipo “gente!”.

A4: Normalmente o “r”, geralmente eu não falo “rr” [forçando] eu falo “r”, bem mais fraco.

A13: Eu acho que não...

A19: O “r” às vezes....

P: Às vezes mais forte, às vezes mais fraco?

A19: Só mais forte às vezes.

P: Mas você já parou pra pensar assim... Quando você costuma fazer isso?

A19: Aí tipo: *carta, carro*.

P: Existe alguma situação específica em que você costuma falar assim ou não? Por exemplo: quando você vai falar com seu professor. Você cuida mais ou não?

A19: Não. É que eu me acostumei a falar assim.

P: E você (A4)?

A4: Acho que não, eu não percebo.

P: Alguma vez vocês disseram algo e alguém corrigiu vocês? Já aconteceu isso com vocês?

A2: Pra mim já. Eu não lembro de uma situação específica, mas eu sei que, às vezes, eu me enrolo bastante nas palavras daí as pessoas acham engraçado

P: E alguém já te corrigiu?

A2: Não de corrigir, é porque eu sei que elas falam diferente e daí a gente ri, mas é só isso assim.

A4: Não...

A13: Não...

A19: Eu já tipo, às vezes, ao invés de falar “carro” [r-forte] eu falo “carro” [r-fraco]. Mas tipo é só porque muita gente fala e eu acabo falando sem querer também, sabe?! Aí eu me corrijo, mas eu não costumo falar assim.

P: Tu acha que tu ter contato com pessoas que tão falando assim tu acaba falando também...

A19: É, isso aí.

P: Já te corrigiram por causa disso?

A19: Várias vezes.

P: E como tu te sentiu em relação a isso?

A19: Sei lá... Não foi alguma coisa: “aí que chato”. Foi até tranquilo.

A2: Eu acho que pessoas de fora, principalmente. Porque a gente mora mais no interior, então quando eu falo com uma pessoa que mora numa cidade maior elas me falam: “Nossa! Como tu fala estranho!”. Isso a gente não percebe.

A19: É quando eu fui morar em Santa Catarina todo mundo falava que eu tinha sotaque de gaúcho, mas eu nunca percebi isso e nem as pessoas que eu conhecia. Eu fiquei acho que tipo um ano lá, daí quando eu voltei todo mundo falava que eu também tava com um sotaque diferente. É uma coisa que eu não percebo, mas pelo jeito as pessoas observam.

P: E você percebeu o sotaque deles?

A19: Aham, só que depois eu comecei a falar igual.

A4: Eu tinha uma amiga do Ceará. Eu falava com ela algumas vezes, eu ligava pra ela, às vezes, e ela me falou que pelo meu sotaque parecia que eu falava uma outra língua porque eu falo com outra entonação de voz.

P: Por causa do jeito que vocês falam vocês já sofreram algum tipo de deboche, alguém já deu risada ou fez algum comentário?

A2: Acho que todos foram no sentido da amizade, assim falando não no sentido de ofender, tipo aí a gente até ri, mas não é uma ofensa, sabe?!

P: Vocês já se sentiram inibidos de falar por medo das pessoas acharem estranho o modo de falar?

A2: A minha vó fala tipo gírias assim mais antigas, aí (às vezes) eu falo essas palavras que ela fala também daí tipo, às vezes, eu falo para os meus amigos e eles não entendem. Então, às vezes, eu cuido pra não falar isso porque eu sei que eles não vão entender.

P: Vocês acham que o preconceito linguístico atrapalha na comunicação com as outras pessoas? Se sim, por quê?

A2: Pras pessoas mais tímidas deve ser ruim tipo quando tu fala diferente porque [pausa]. Eu não me importo tanto quando alguém me corrige, mas eu acho que se for alguma pessoa mais tímida que não tá muito segura vai se importar.

RECORDING 3

Pesquisadora (P): Você acha que fala diferente em relação as demais pessoas? Se sim, de que jeito?

A: Eu acho meio complicado [pausa] especialmente quando eu me escuto, oralmente, quando eu escuto uma gravação a voz fica bem diferente. Mas eu imagino que eu tenha um pouquinho de diferença, nada muito gritante assim de [pausa] não é muito perceptível, é bem pouco.

P: Mas aí o que tu acha diferente?

A: Não sei como descrever, é mais diferente mesmo. Algumas vezes é mais puxado, outras menos. É estranho, só diferente.

P: E alguma vez alguém já te apontou isso? Tu acha que tu fala diferente porque tu percebe, mas alguém já te disse algo em relação a isso?

A: Não, nunca me disseram nada, pelo menos que eu lembre.

P: Alguma vez você disse alguma coisa “errada” (frase, palavra) e te corrigiram?

A: Sim, sim [rapidamente]. Já aconteceu várias vezes... Erro de pronúncia essas coisas assim.

P: Tu lembra alguma vez o que foi?

A: Mais questões de [pausa] que a pronúncia fica ambígua, mas nunca por alguma coisa própria da minha fala.

P: Tu diz que a pronúncia fica ambígua em que sentido? Uma palavra parecida com a outra...

A: É, não... Casos de [pausa], por exemplo, serpenteia e canadeia. Se escreve da mesma maneira, mas... não da mesma maneira, o “eia”

P: A terminação é igual...

A: Exato. A gramática é igual, mas tem pronúncias diferentes.

P: E aí quando te corrigiram, como tu te sentiu em relação a isso? Qual a sensação? Te atrapalhou na hora ou não?

A9: [Pensativo] Não sei... Eu não dou muita bola. Eu valorizo bastante aprender com erros assim, então por conta disso eu não me sinto mal por terem me corrigido.

P: Mas as correções que te ocorreram... dos casos que tu tá lembrando. Isso te deixou constrangido ou não?

A9: Um pouco, mas [pausa] é só questão de realmente... eu fiz uma coisa errada, vamos corrigir. Até porque, a maioria das vezes, isso foi em uma conversa direta com outra pessoa assim, não foi falando em público.

P: Então foi aquele constrangimento na hora, mas não algo que tu seguiu levando...

A: É.

P: Por causa do teu modo de falar, tu já foi vítima de deboche ou chacota? Alguém já caçoou de ti ou deu risada? Algo nesse sentido...

A: Ahn... Recentemente, não. Mas quando eu era menor, na outra escola, um pouco... lá tinha bastante disso. Tinha... [pausa] Eu não digo que comigo foi mais pesado, mas foi bem pior lá. Pessoas que... [pausa] Eu sou uma pessoa que sou relativamente da cidade como se diz, né. Mas tem pessoas que são da onde eu venho que são relativamente do que se chama de colônia, região bem interior, bem rural. Por que muitas vezes os pais ou avôs não falam Português falam só Alemão. E essas pessoas sim elas sofreram bastante, mas eu bem pouco assim. Algumas vezes só.

P: E nessas situações houveram risadas ou quem sabe comentários desagradáveis?

A: É...pouco, pouco. Pessoal gostava bastante de tirar na forma de falar, mas eu sempre fui ignorando muito essas coisas. Sempre tentei ignorar pelo menos.

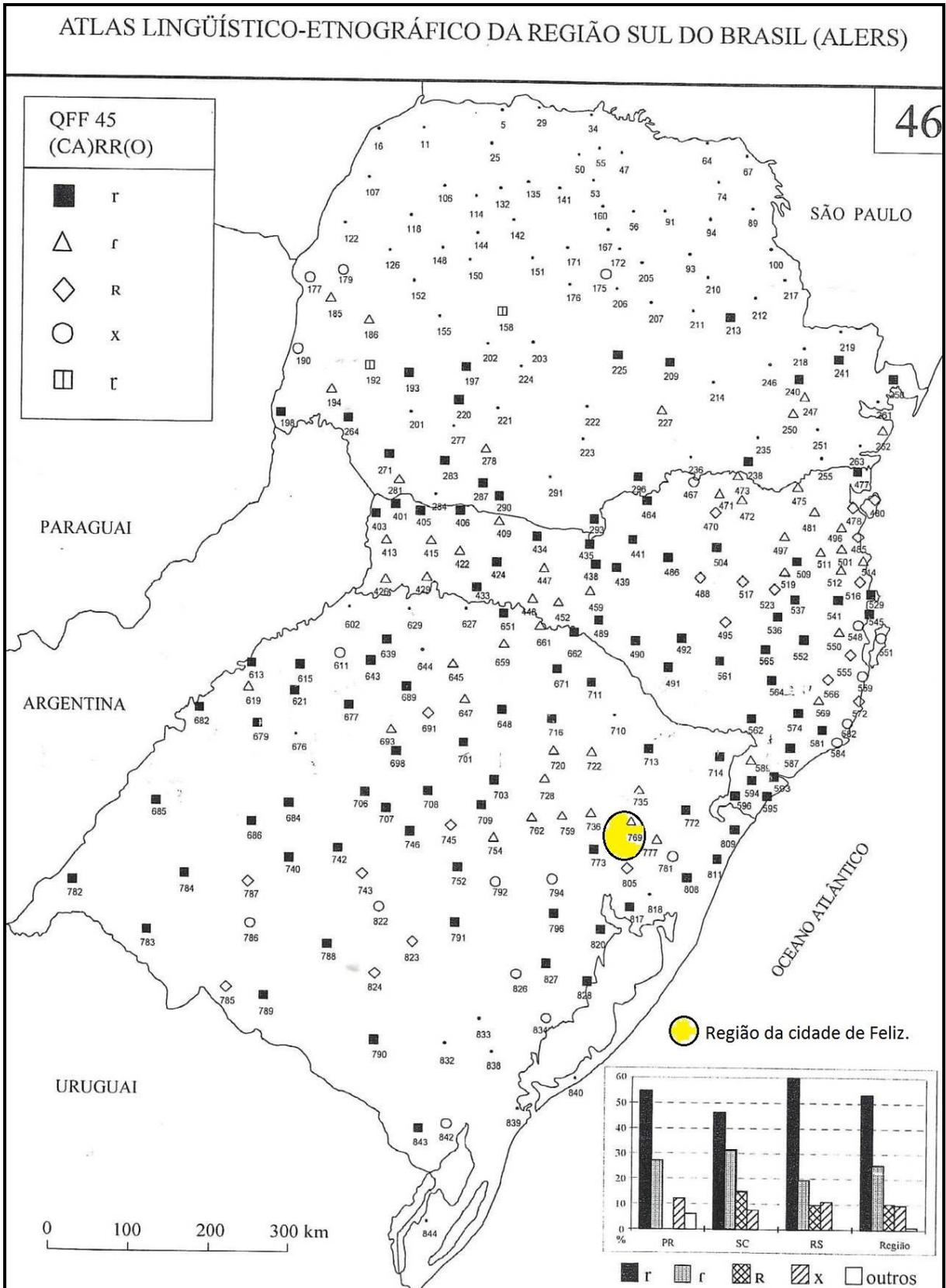
P: Tu já te sentiu inibido em alguma situação por causa do teu modo de falar?

A: É meio difícil de responder pra mim porque até bem pouco tempo atrás eu era extremamente tímido. Extremamente tímido então pra mim eu era naturalmente inibido de falar em público. Nunca por esta razão. [Pausa longa] Eu nunca me senti assim: não posso falar em público por causa do jeito que eu falo.

P: Tu acha que o preconceito linguístico te atrapalha na tua comunicação com as outras pessoas? Se sim, por quê?

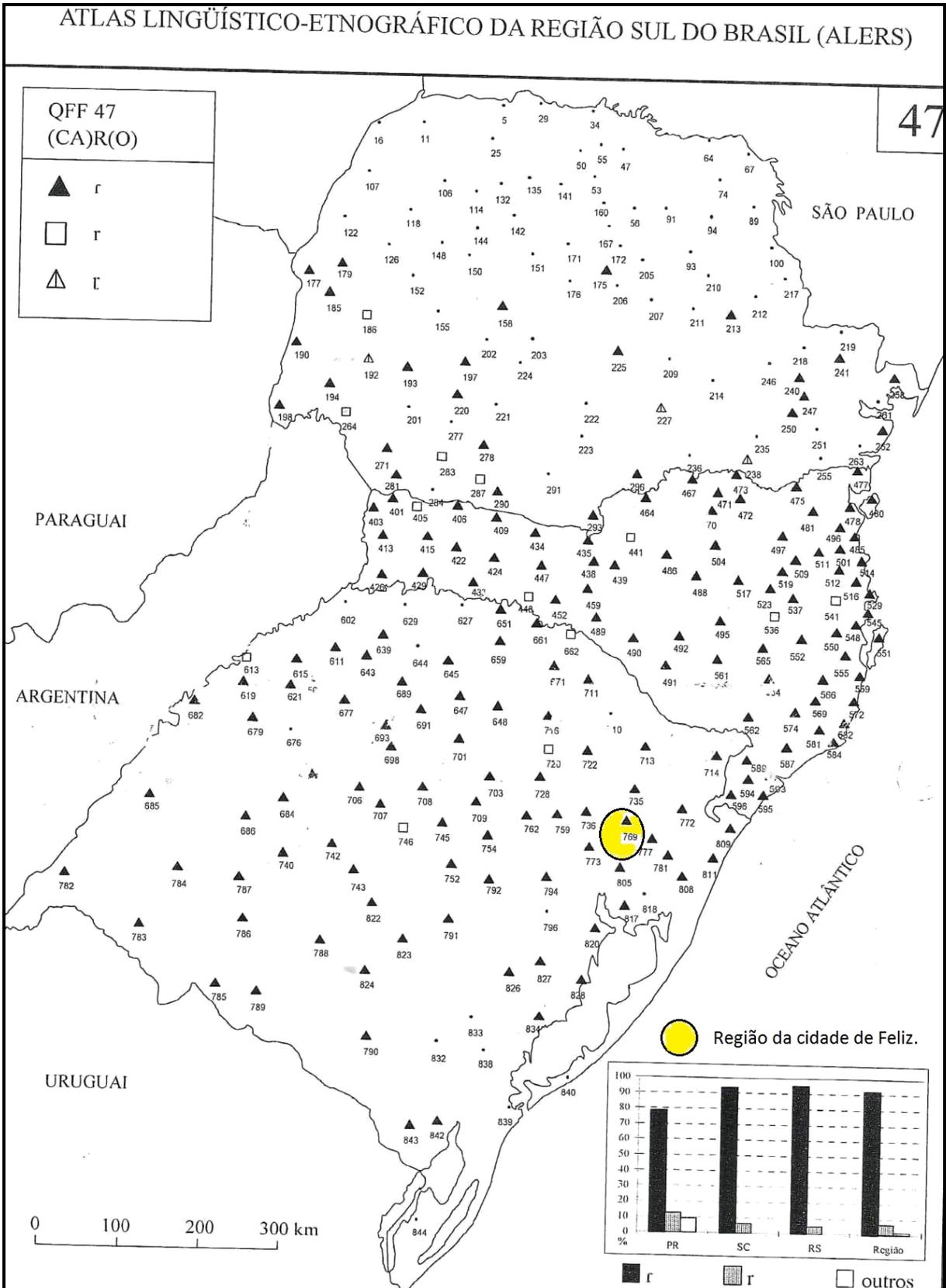
A: Pra mim, não atrapalha. Mas tem pessoas que atrapalha muito (demorado) que se sentem constrangidas de falar em público bastante por causa disso. Pessoas que se sentem constrangidas de falar por causa disso. Mas pra mim nunca foi nada muito forte, é mais pessoal mesmo. As pessoas tem medo de que as pessoas possam rir delas por causa do jeito que elas falam.

ANEXO B – MAPA DEMONSTRAS AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA



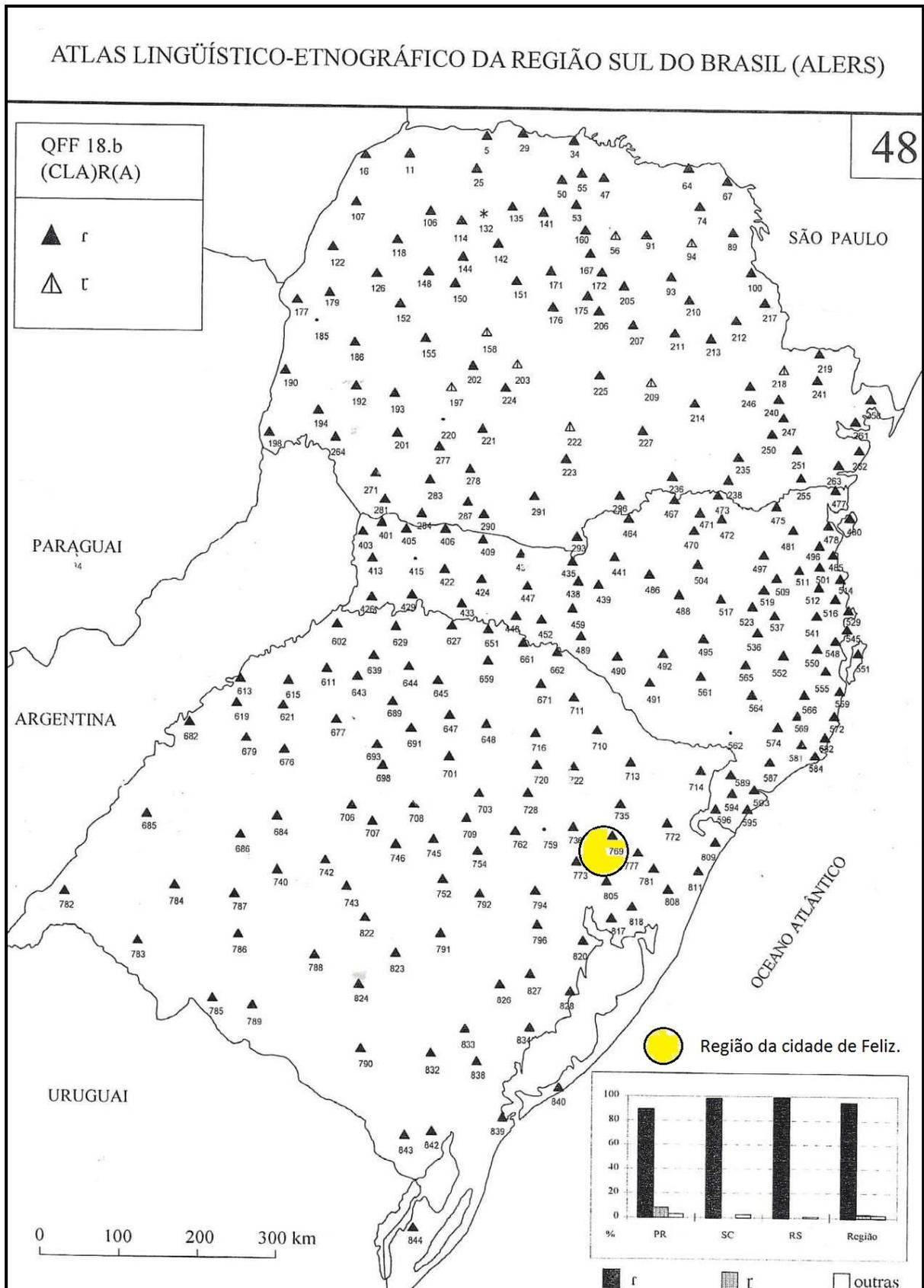
Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 239).

ANEXO C – MAPA DEMONSTRA AS REALIZAÇÕES DO FONE [R] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA, INÍCIO DE SÍLABA



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 241).

ANEXO D – MAPA DEMONSTRAS AS REALIZAÇÕES DO FONE [r] EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA, INÍCIO DE SÍLABA



Fonte: KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN (2011, p. 243).